

Mês da Bíblia 2023



# Carta aos Efésios

“Vestir-se da nova humanidade!”

(cf. Ef 4,24)

TEXTO-BASE



Mês da Bíblia 2023

# Carta aos Efésios

“Vestir-se da nova humanidade!”

(cf. Ef 4,24)

TEXTO-BASE



# MÊS DA BÍBLIA 2023

Carta aos Efésios

Texto-Base

1ª edição – 2023

**Direção-Geral:**

Mons. Jamil Alves de Souza

**Organização:**

Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB

**Autoria:**

Márcia Eloi Rodrigues

Luciene Lima Gonçalves

Colaboração:

Mariana Aparecida Venâncio

**Edição:**

João Vítor Gonzaga Moura

**Revisão:**

Gabriel Neves da Cruz

Sarah Rodrigues

**Cartaz do Mês da Bíblia:**

Alan Santos Alves

**Projeto gráfico e diagramação:**

Henrique Billygran Santos de Jesus

As citações bíblicas constantes nesta obra foram transcritas da  
Bíblia Sagrada – Tradução Oficial da CNBB, 6ª edição - 2022.

978-65-5975-228-7

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão da CNBB. Todos os direitos reservados ©

**Edições CNBB**

SAAN Quadra 3, Lotes 590/600

Zona Industrial – Brasília-DF

CEP: 70.632-350

Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019

E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br

www.edicoescnbb.com.br

# Sumário

## Apresentação

## Introdução

### 1. Dados gerais da Carta aos Efésios

### 2. Leitura da Carta aos Efésios

- A. Saudação e ação de graças (1,1-14): a graça do Pai e de Jesus Cristo
- B. Oração: hino e intercessão (1,15-23): oração
- C. Da morte (paganismo) para a vida (2,1-10): o poder do mal
- D. Um em Cristo (2,11-22): união dos povos
- E. O ministério de Paulo entre os gentios (3,1-13): papel da revelação
- F. Oração pelos leitores (3,14-21): fundamentados no amor
- G. Tema central (4,1-16): unidade do Corpo de Cristo
- F'. Regras para a vida nova (4,17-5,5): viver no amor
- E'. Renúncia aos costumes pagãos (5,6-20): papel da revelação
- D'. Exortação (5,21-6,9): união do casal
- C'. Armadura do cristão (6,10-17): o poder do mal
- B'. Oração (6,18-22): oração e súplica
- A'. Bênçãos (6,23-24): a graça de Jesus Cristo

### 3. Vestir-se da nova humanidade no mistério de Cristo

- A. Vestir-se do homem novo: viver em Cristo
- B. A vida nova no mundo: Igreja-Corpo de Cristo
- C. Olhando para trás e para frente

## Conclusão

## Referências Bibliográficas

## Apresentação

Mais uma vez, chegou-me o agradável convite de aqui apresentar o Texto-Base para o Mês da Bíblia. Desta vez, é para o ano 2023. O texto bíblico em causa é a Epístola ao Efésios. Desde sua origem, o chamado Mês da Bíblia não pretende oferecer uma análise voltada para a comunidade acadêmica, assinalada pela pesquisa especializada, com traços fortemente matizados pelo rigor científico. Porém, se o objetivo não é a ciência literária ou teológica, em nenhum momento dela se pode prescindir para aproximar a mensagem da palavra bíblica dos olhos e da sensibilidade do povo que crê. É para aquele povo que quer alimentar e realimentar a sua fé no Senhor Jesus Cristo, é àqueles que querem crer com a Igreja a quem se destinam estas páginas.

Tivemos a alegria de contar com as intuições e as competências de duas mulheres. São elas as irmãs Márcia Eloi Rodrigues e Luciene Lima Gonçalves, religiosas do Instituto Religioso Nova Jerusalém. À solicitação primeira, inquietaram-se. Parecia-lhes demais. Mas foi-lhes lembrado o seu belo trabalho pastoral com a Palavra junto às comunidades; são também estudiosas assíduas. Ademais, as mulheres são dotadas de algumas percepções que lhes são únicas, de cujas peculiaridades a Igreja ainda não se deixou enriquecer suficientemente. Estas belas páginas as temos como resultado final de trabalho desempenhado com muita delicadeza e com muito esmero. Muito obrigado, meninas.

Uma vez que a Epístola aos Efésios não chega a ser um texto longo (apenas seis capítulos, alguns deles até breves) e é unitário, as autoras assumiram a opção feliz de comentar o escrito em toda a sua inteireza. É um comentário explicativo, redigido com clareza e senso didático. Porém, para compreendê-lo, é necessário que se tenha ante os olhos o texto bíblico e o texto comentado. Isso tornará muito elucidativa a leitura da epístola.

Na parte final, as nossas queridas colaboradoras dedicam belas páginas para explicitar alguns dos grandes temas do pensamento desenvolvido em Efésios. Com grande perspicácia, as autoras mostram

a ênfase conferida pelo autor bíblico à nova identidade aos homens e às mulheres que aderiram a Jesus Cristo. Esses novos homens e essas novas mulheres compõem um corpo, a Igreja.

Quem lê as páginas que se seguem perceberá que os grandes problemas que nossa Igreja enfrenta hoje não deveriam causar nem surpresas, nem sustos. O que temos hoje é versão atualizada de desafios já antigos, espinhos já dos primeiros dias do cristianismo. Qual caminho seguir? Aquele no qual Jesus Cristo é o centro. Falo do Cristo apresentado pelos Evangelhos. Não outro.

**Dom José Antonio Peruzzo**

Arcebispo de Curitiba

Presidente da Comissão Episcopal Pastoral  
para a Animação Bíblico-Catequética

## Introdução

A Carta aos Efésios oferece considerável contribuição à reflexão acerca da natureza da Igreja ao tratar da temática da **unidade do corpo de Cristo**, tema central deste escrito. Essa unidade é fundada na ação salvífica de Jesus Cristo, que reconciliou a humanidade com Deus, simbolizada pela união de dois povos antes inimigos, a saber: judeus e gentios. O autor realça, de modo particular, a unicidade de judeu-cristãos e gentio-cristãos no corpo de Cristo, a Igreja. É, pois, em função da explicitação dessa realidade que o autor da Carta aos Efésios desenvolve sua argumentação, em toda a primeira parte da carta (Ef 1,1–3,21), acerca da obra salvífica realizada por Deus Pai, mediante a morte, Ressurreição e entronização de Cristo, cujos frutos são experimentados na Igreja, pela força do Espírito Santo. O que significa, concretamente, viver como filhos reconciliados com Deus e assumir no cotidiano a vida nova experimentada no Batismo constitui a matéria da segunda parte da carta (Ef 4,1–6,24), na qual o autor trata da maneira correta de levar uma vida digna do chamado de Deus, em Cristo.

Assim, fundado na tradição paulina, condensada em seus escritos, principalmente na Carta aos Colossenses, o autor da Carta aos Efésios procurou retomar a reflexão acerca da natureza da Igreja, mas em uma nova perspectiva, a saber: a Igreja é o corpo de Cristo na sua universalidade.

Em nosso estudo da Carta aos Efésios, tema que a CNBB escolheu para o Mês da Bíblia de 2023, procuraremos explicitar, em um primeiro momento, a temática central da carta: a unidade do corpo de Cristo para, em segundo lugar, refletir sobre o lema: “vestir-se da nova humanidade!” (cf. Ef 4,24).

Nossa proposta neste texto-base é oferecer aos cristãos e às cristãs de hoje a leitura da Carta aos Efésios em suas diversas partes, acentuando a cristologia e eclesiologia presentes no texto. Para isso, o presente texto-base está organizado da seguinte forma: Primeiramente, são apresentados os dados gerais da carta, para melhor conhecermos a realidade histórico-cultural e religiosa que está na gênese do texto



bíblico, bem como os elementos literários: autoria, data, local da redação e estrutura.

Em um segundo momento, propõe-se a leitura da carta em suas diversas partes, levando em consideração sua estrutura concêntrica, em função da temática central.

E, por fim, discorre-se sobre o lema, “vestir-se da nova humanidade no mistério de Cristo”, retomando alguns elementos já apresentados na segunda parte desse texto-base. Aqui se pretende desenvolver, em primeiro lugar, a reflexão cristológica, o significado teológico e prático da salvação realizada em Cristo para toda a humanidade para, em seguida, refletir acerca do significado eclesial da vida nova em Cristo, ou seja, como os cristãos e como as cristãs são chamados a viver sua fé na Igreja e, a partir dela, ser luz no mundo. Conclui-se essa parte com a proposta de atualização da carta no contexto hodierno.



# 1. Dados gerais da Carta aos Efésios

Quando nos encontramos com qualquer livro, precisamos de algumas informações essenciais para nos aproximarmos dele: **Quem escreveu, para quem escreveu e por que escreveu?** Com os livros bíblicos não é diferente. Quando nos deparamos com as cartas paulinas, estamos em um universo que necessita de orientação para nos localizarmos e tentarmos uma compreensão adequada da mensagem contida no escrito. A correspondência de Paulo e sua equipe missionária trata de questões ligadas às comunidades fundadas por eles: problemas, dúvidas enviadas a eles pelos responsáveis por essas comunidades. São orientações sobre situações específicas. É importante, portanto, sempre contextualizar cada uma das cartas paulinas.

O escrito do qual vamos nos aproximar é a denominada Carta aos Efésios. Esse escrito paulino foi bastante discutido entre os estudiosos de Paulo a partir do séc. XVIII. As discussões giraram em torno da autoria da carta: ela foi realmente escrita por Paulo? Ela é dirigida à Igreja de Éfeso? Trata-se de uma carta dirigida a uma comunidade específica ou de um escrito preocupado em aprofundar os ensinamentos cristãos e oferecer formação mais consistente para os cristãos com mais tempo de caminhada? Essas e outras questões são fundamentais e podem nos ajudar a entender melhor esse texto paulino.

Nos escritos chamados paulinos, está condensado o pensamento de Paulo e sua equipe missionária sobre o evento Cristo: Vida, morte e Ressurreição. Trata-se, assim, do que Jesus viveu e anunciou, do significado da sua entrega ao Pai, de quem é Jesus e da mudança que a sua vida, a sua morte e a sua Ressurreição acarretaram para toda a humanidade.

Sendo assim, começemos nosso estudo da Carta aos Efésios situando-a em seu **contexto literário**, ou seja, no chamado *corpus* paulino. Este é composto pelos escritos de Paulo e de seus primeiros companheiros e por outros escritos de continuadores de Paulo que foram atribuídos a ele por serem escritos que também trazem a teologia paulina.

Sendo assim, o conjunto das cartas paulinas é composto por três grupos de cartas:<sup>1</sup>

- as *protopaulinas* (atribuídas ao próprio Paulo e a seus primeiros companheiros de missão): Romanos, 1–2Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filêmon;
- as *deuteropaulinas* (obras de colaboradores mais próximos): 2 Tessalonicenses, Efésios e Colossenses;
- as *tritopaulinas* (as mais tardias): 1–2 Timóteo e Tito.

A Carta aos Efésios, escrita por um **colaborador de Paulo**, está elencada entre as chamadas Cartas do Cativo, da qual fazem parte também Colossenses, Filipenses e Filêmon. Essa atribuição se deu por causa do vocabulário usado pelo autor, que também se encontram nas demais cartas: “prisioneiro de Cristo Jesus” (Ef 3,1), “prisioneiro no Senhor” (Ef 4,1), “embaixador acorrentado” (cf. Ef 6,20).<sup>2</sup> No entanto, contra a autoria do Apóstolo, são consideradas as diferenças de vocabulário, estilo e tema da escatologia, bem como o caráter impessoal de Efésios, comparados aos escritos do próprio Paulo.<sup>3</sup>

Contudo, o mais importante para os especialistas nos estudos de Paulo não é a certeza definitiva de que foi o Apóstolo que escreveu essa carta, mas sim de que o pensamento de Paulo, contido nesse escrito, não tenha contradições com as chamadas *protopaulinas*.

Um dado que deve ser levado em conta quando nos depararmos com uma carta de Paulo é nos perguntarmos **para quem** ele escreveu, quais suas **motivações** para escrever a esse grupo. No início da carta, está escrito: “aos santos que moram em Éfeso” (Ef 1,1). Mas essa menção à Éfeso não consta nos manuscritos mais antigos, o que leva a pensar que se trata de acréscimo posterior; o escrito, nesse caso, não seria destinado a uma igreja em particular, e, sim, consistiria em uma carta circular,<sup>4</sup> provavelmente destinada a circular em várias igrejas domésticas de Éfeso e arredores, e mais amplamente na parte ocidental da Ásia menor.<sup>5</sup> Quanto à **data** desse escrito, podemos situá-la nos anos 80 d.C.<sup>6</sup>

Bem, essas igrejas eram formadas por cristãos oriundos do mundo gentílico, pessoas que deixaram as práticas pagãs para aderir à fé cristã. Nesse sentido, a orientação para o novo modo de viver dos cristãos se fazia necessária. Isso, contudo, não exclui a presença de cristãos vindos do judaísmo, segundo o ensinamento a eles dirigido em Ef 1,9-10; 3,3-6, a saber: a inclusão por parte de Deus dos gentios na fé e na aliança.<sup>7</sup>

Sabendo, pois, que a Carta aos Efésios busca orientar os cristãos que vivem no mundo gentílico, quais são as características desse ambiente? A que tipo de influência os cristãos estavam submetidos? Que práticas pagãs são essas que os novos cristãos eram chamados a abandonar? Pois bem, vamos falar de Éfeso. Onde ficava essa cidade, qual a sua importância no cenário da expansão do cristianismo no início do primeiro século?

Segundo os relatos de Atos dos apóstolos, Paulo teria passado três anos nessa grande cidade (At 20,31). Éfeso era uma das maiores cidades do Império Romano juntamente com Roma, Alexandria e Antioquia da Síria. Era a capital da província romana na Ásia, uma cidade próspera, um grande centro comercial, local que reunia gente vinda de diversos lugares do Império Romano. Um grande centro urbano marcado por imponentes construções: o teatro, com capacidade para mais de 24 mil pessoas sentadas; a prefeitura; o mercado, onde se realizavam as transações financeiras; ginásio e banhos públicos; estádio; escola de medicina. A cidade também era conhecida pelos grandes festivais em honra da padroeira da cidade, Ártemis.

A divindade principal era Ártemis, celebrada em cultos de mistério, mas a cidade é conhecida como centro de práticas mágicas da Antiguidade. Muitas deusas e muitos deuses são cultuados em templos construídos nessa grande metrópole: Serápis e Ísis, Afrodite, Apolo, Asclépio, Atena, Cibele, Demeter etc.<sup>8</sup>

Segundo o historiador judeu Flávio Josefo, os judeus estão presentes em Éfeso desde o séc. IV a.C., com sinagoga estabelecida, isenção do serviço militar, autorização para enviar dinheiro ao Templo de Jerusalém e permissão para praticar sua religião. Fica fácil, assim,

compreender por que Paulo encontra uma comunidade judaica estabelecida nessa cidade.

A partir dessa breve exposição acerca da cidade de Éfeso, de sua importância no Império Romano, de suas grandes construções, com sua pluralidade étnica, cultural e religiosa, pode-se perceber que as comunidades cristãs dali se viam obrigadas a lidar com essa realidade plural, principalmente no que diz respeito à diversidade religiosa, realidade que cresce cada vez mais em nosso tempo. Nesse contexto, em que as comunidades cristãs já estão consolidadas, observe-se a época em que a carta foi escrita, os cristãos são constantemente ameaçados pela rotina e pelo relaxamento de sua fé e pela hegemonia da conduta do mundo pagão, o que faz surgir a necessidade de afirmar com mais força a identidade cristã.<sup>9</sup>

Em relação à **composição** da carta, a semelhança com a Carta aos Colossenses chama a atenção: ambas têm os mesmos estilo e vocabulário e temas próximos, o que levou alguns estudiosos a defender a ideia de que o autor de Efésios releu Colossenses à luz de novas situações, oferecendo, assim, a síntese do pensamento paulino.<sup>10</sup>

Característica importante da composição de Efésios é sua organização interna. A escolha por uma estrutura influencia a forma como o texto é lido, e possibilita ter uma visão panorâmica dos temas desenvolvidos. Para se identificar a forma como um texto é estruturado, leva-se em consideração vários indícios textuais, estilísticos etc. Nesse sentido, observa-se o predomínio de verbos no indicativo — tempo verbal próprio do discurso ou da exposição —, nos três primeiros capítulos de Efésios, enquanto nos três últimos, o emprego de verbos no imperativo ou em formas equivalentes (participios e infinitivos) delinea um tom mais exortativo ou parenético.<sup>11</sup>

A maioria dos autores costuma dividir a carta em duas partes: 1,3–3,21 (o chamado feito por Deus) e 4,17–6,24 (a maneira correta de viver dignamente esse chamado). No centro encontra-se o tema central, a saber: a unidade do Corpo de Cristo (4,1-16). Os demais temas podem ser organizados em uma estrutura concêntrica:

A. Saudação e ação de graças (1,1-14): a graça do Pai e de Jesus Cristo

B. Oração: hino e intercessão (1,15-23): oração

C. Da morte (paganismo) para a vida (2,1-10): o poder do mal

D. Um em Cristo (2,11-22): união dos povos

E. O ministério de Paulo entre os gentios (3,1-13): papel da revelação

F. Oração pelos leitores (3,14-21): fundamentados no amor

G. Tema central (4,1-16): unidade do Corpo de Cristo (4,1-16)

F'. Regras para a vida nova (4,17-5,5): viver no amor

E'. Renúncia aos costumes pagãos (5,6-20): papel da revelação

D'. Exortação (5,21-6,9): união do casal

C'. A armadura do cristão (6,10-17): o poder do mal

B'. Oração (6,18-22): oração e súplica

A'. Bênçãos (6,23-24): a graça de Jesus Cristo<sup>12</sup>

Assim, deseja-se com essa leitura abordar os diversos assuntos trabalhados na carta que estão em função da elucidação do tema central.

## 2. Leitura da Carta aos Efésios<sup>13</sup>

A proposta de uma estrutura concêntrica nos possibilita ver com mais clareza a temática central da carta e a interrelação entre as demais partes. Como se pode perceber na estrutura, o tema central é a **unidade do Corpo de Cristo**, ou seja, a eclesiologia vista em íntima relação com a cristologia. “Os dois pólos em torno dos quais se desenvolve a reflexão e a exortação de Ef. são: Jesus, o Cristo, e a Igreja. A reflexão cristológica desenvolve-se em função da nova consciência de Igreja. Essa polaridade e reciprocidade é muito bem expressa pela imagem simétrica de ‘Cristo-cabeça’ e ‘Igreja-corpo’”.<sup>14</sup>

Alguns temas são tratados ao longo da carta, em diversos lugares, mas estão em função da apresentação da temática central, **a unidade do Corpo de Cristo**. Essa unidade está presente desde o início da carta até a saudação final. A unidade vem da Trindade, o Pai e o Filho juntamente com o Espírito elegeram gentios e judeus para receberem gratuitamente a salvação em Jesus Cristo. A centralidade de Cristo, sua ação redentora e restauradora, e a paz que Ele concede a todos os que aceitam fazer parte desse grupo, está sempre unida à decisão do Pai e à ação do Espírito. Assim também, o pensamento sobre a Igreja (eclesiologia) está firme em Cristo, cabeça da Igreja, mas isso ocorre pela ação do Espírito Santo em unidade com o Pai.

O autor inicia a carta no estilo das orações judaicas, trazendo as palavras **Bendito** e **Bênção**, importantes dentro da tradição judaica. A palavra bênção no Antigo Testamento evoca a vocação de Abraão, abençoado por Deus, e, através dele, essa bênção se estende a toda a humanidade (Gn 12,3). Agora a bênção chega até nós por meio de Jesus Cristo, pois somos nele abençoados. Fomos escolhidos desde sempre para sermos salvos, Deus nos adotou como filhos e filhas, amados e amadas. Os judeus e gentios viviam separados, estavam mortos pelo pecado, afastados de Deus. É Jesus quem destrói esse muro de separação entre judeus e gentios, dando vida a ambos os povos, fazendo deles membros do Corpo de Cristo, a Igreja.

Em Cristo, somos chamados a **sair da morte para a vida**. Essas são palavras que lembram o Batismo, uma nova vida em Cristo, que exige dos cristãos e das cristãs viverem fundamentados no Amor. Em Efésios 4,1-16 é apresentado, de forma clara, a explicação do tema que já vinha sendo preparado desde a saudação inicial: há um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, um só Deus. O que significa para os cristãos e as cristãs assumirem na vida diária essa unidade? É o que procuraremos refletir em nossa exposição das diversas partes que compõem a Carta aos Efésios.

### **A. Saudação e ação de graças (1,1-14): a graça do Pai e de Jesus Cristo**

O capítulo primeiro inicia-se com a saudação trinitária de Paulo (1,1-2), seguida do hino de ação de graças (1,3-14). Pela saudação, não temos nenhuma informação sobre os destinatários da carta e a situação da comunidade. Segundo o que já foi dito acima, a carta é destinada a todos os cristãos e a todas as cristãs que vivem nas igrejas da Ásia.

O autor invoca a autoridade de Paulo para esse escrito, copiando, assim, a fórmula de Cl 1,1: “Paulo, apóstolo do Cristo Jesus, por vontade de Deus”. Esse título, que Paulo atribui a si mesmo, se refere à essência do apostolado, o ser enviado por Deus, e exprime o que é descrito em Ef 3,1-13, acerca do papel da revelação entre os gentios, no qual o Apóstolo foi chamado a anunciar. O termo “santos”, como são designados os fiéis, é empregado para referir-se aos cristãos, aos judeus e aos gregos, como membros do novo povo de Deus, unidos e consagrados a Deus, por meio de Jesus Cristo.<sup>15</sup> Os votos de “graça”, de origem grega, e “paz”, judaica, evocam os dois ambientes culturais, com suas fórmulas de saudação, no entanto, já representam uma tradição cristã de bênção, cuja fonte desses dons evocados são Deus Pai e Jesus Cristo.

Em relação ao hino (v. 3-14), é uma ação de graças a Deus, com claro teor trinitário: “trata-se de uma catequese sobre a obra do Pai (v. 4-6), a obra do Filho (v. 7-12) e a obra do Espírito Santo (v. 13-14)”.<sup>16</sup> O plano da salvação procede do Pai, passa pelo Filho e desemboca no



Espírito Santo. Nessa perspectiva, o conteúdo dessa catequese pode ser resumido da seguinte forma:

O Pai nos escolheu, em Cristo, antes da criação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis; nos assinalou de antemão para sermos seus filhos adotivos por meio de seu Filho. A obra de Cristo é a redenção pelo seu sangue, ou seja, o perdão dos pecados. Ele esbanjou a graça de Deus com toda sabedoria e compreensão. Através de sua graça se tornou conhecido o mistério da vontade de Deus. Para ele tudo converge; tudo está sob sua liderança. Nele fomos escolhidos e nele temos nossa herança; nele fomos assinalados de antemão para o louvor de sua glória na plenitude dos tempos. Pelo (e com o) Espírito, fomos selados. O Espírito Santo completou tudo que foi feito pelo Pai e pelo Filho, pois nos abençoou com bênçãos espirituais de toda sorte.<sup>17</sup>

Portanto, Deus Pai é o protagonista principal do projeto de salvação que suscita a ação de graças, e Jesus Cristo, ligado de forma íntima ao Pai, é o segundo protagonista principal. E o Espírito Santo continua, nos fiéis, a ação realizada pelo Pai, no Filho.

Os destinatários da ação salvífica são o “nós” comunitário mencionado diversas vezes nessa perícope (v. 3.4.5.6.8.12). No plano histórico, esse “nós” se desdobra em dois grupos: 1) “os primeiros a pôr em Cristo a esperança” (v. 12), isto é, o grupo dos judeus; 2) no qual “também vós ouvistes a palavra da verdade” (v. 13), ou seja, o grupo dos gentios convertidos. Mas esse horizonte de salvação se amplia a todo o universo, unificado sob o senhorio de Cristo (v. 10).

Essa ação de graças, que abre a carta, evidencia os temas que serão retomados ao longo do escrito, a saber: a vocação gratuita à santidade (v. 4), a participação no estatuto filial de Cristo (v. 5-6), a libertação como perdão dos pecados e a experiência de amor (v. 7-8), o projeto revelado, o Cristo dá unidade e sentido a tudo (v. 9-10), o caminho de Israel para a salvação (v. 11-12) e o caminho dos gentios para a salvação na Igreja (v. 13-14).<sup>18</sup>

## **B. Oração: hino e intercessão (1,15-23): oração**

Após o hino de ação de graças inicial (1,3-14), passa-se, agora, para uma prece de agradecimento a Deus pelos cristãos (1,15-19), que é concluída, novamente, com hino de louvor cristológico (1,20-23). Essa ação de graças e esse agradecimento seguem Cl 1,3-14, com algumas modificações introduzidas pelo autor de Efésios em virtude de seus destinatários.

O autor agradece a Deus pela fé e pela caridade dos destinatários (v. 15-16), duas qualidades essenciais de uma comunidade cristã, assim como a esperança, que será objeto de uma prece posterior. Após esse breve agradecimento, segue-se a prece de súplica (17-19), que apresenta os seguintes pedidos e sua finalidade:

“que vos dê o Espírito da *sabedoria* e da *revelação*,  
para *melhor conhecê-lo*.

Que ele *ilumine* os olhos de vosso coração,

para que *conheçais a esperança* à qual ele vos chama,

*a riqueza da glória* que ele nos dá em herança entre os santos,

e a extraordinária *grandeza do poder* que ele exerce,  
segundo o vigor de sua força poderosa, em favor de nós,  
que cremos”.

O pedido “que vos dê o Espírito” diz respeito ao dom da maturidade cristã para a realidade presente, caracterizada pela ação do Espírito na comunidade, que se manifesta como “sabedoria”, “revelação” e “conhecimento”. São aspectos de uma mesma realidade espiritual dinâmica, que contemplam a experiência, a reflexão e a comunhão profunda com Deus. De fato, sabedoria e revelação são dons do Espírito que conduz o fiel a conhecer a Deus, não se tratando de conhecimento teórico, mas no sentido de íntima relação, comunhão, compromisso, que só pode ser cultivada pela via da experiência pessoal, mediante uma iluminação interior, que toca profundamente a vida, em todas as suas dimensões. Essa luz interior implica uma profunda transformação do ser humano, porque o põe em contemplação de Deus e do seu agir a favor da humanidade. A partir

dessa experiência transformadora, já se pode viver na caminhada cristã a realidade da salvação, em comunhão com todos os membros do povo de Deus.

Finalmente, a oração pede para os destinatários da carta, iluminados interiormente, que tenham o conhecimento do poder divino, um poder sem limites, que já demonstrou sua eficácia a favor dos santos. O poder de Deus, que sempre agiu em favor de seu povo nos acontecimentos da história da salvação, irrompe na ressurreição de Jesus (v. 20), revela-se como poder de pôr fim à morte e de gerar a vida em plenitude.

Após a súplica, segue-se o hino de louvor cristológico (v. 20-23), que apresenta uma “síntese do ‘credo’ cristão, centrado na ressurreição e na conseqüente exaltação e entronização de Cristo”.<sup>19</sup>

A grandeza do poder de Deus manifesta-se pelo efeito da força divina exercida “em Cristo”, quando Deus ressuscitou Jesus dos mortos (Cl 2,13; 1Ts 1,10) e o fez sentar-se à direita no céu (Cl 3,1; Rm 8,34). Toda a ação de Deus na história de Israel em favor da humanidade converge para aquele acontecimento que é a Ressurreição de Jesus: em sua Ressurreição, o plano que Deus sempre teve em mente se realiza.

A Ressurreição de Jesus, por sua vez, é vista como uma entronização: o sentar-se à direita de Deus, o ser colocado no trono real, conforme o Sl 110,1, frequente na reflexão da Igreja primitiva (cf. Rm 8,34). O interesse se volta, agora, para a entronização, para afirmar a soberania do Ressuscitado sobre os poderes cósmicos, essas forças ocultas que habitavam o ar, governavam as estrelas e podiam influenciar negativamente o destino dos povos e dos indivíduos. A afirmação de que Deus colocou Cristo à sua direita, nos céus, significa que o Ressuscitado recebeu poderes propriamente divinos. Ele pertence ao mundo do divino, e a relação que Ele tem com o universo é aquela que o próprio Deus tem, um poder ao qual até os poderes cósmicos estão sujeitos sem exceção.<sup>20</sup>

O ponto alto desse hino cristológico encontra-se no versículo final (1,23), “que celebra o papel de Cristo ressuscitado no universo, mediante seu estabelecimento como ‘cabeça’ da Igreja, que é o seu

corpo e sua ‘plenitude’”.<sup>21</sup> Assim, a Igreja (*ekklesia*), comunidade dos fiéis assinalados pelo Espírito, unidos na caridade recíproca e animados pela esperança, é guiada por Cristo, tem nele a fonte de sua existência, assim como a Igreja torna-se, no mundo, presença do Cristo Ressuscitado.

As duas imagens empregadas, “cabeça” e “corpo”, evocam o ambiente cultural e religioso, bíblico, judaico e helenista, com seus respectivos significados. Assim:

– Cabeça, no ambiente bíblico, sugere a noção de domínio e de soberania. Essa acepção encontramos no início do livro do Gênesis (1,1: *bereshit*, no princípio; do hebraico *rosh*: princípio, cabeça, liderança). De fato, Deus está no princípio de tudo, Ele é o soberano da criação, da história; tem um plano soberano. Cristo, posto por Deus como cabeça da Igreja, lidera-a em sua vontade soberana, a fim de que ela exerça no mundo sua vocação de mediação da vontade soberana de Deus, a salvação da humanidade.

– Corpo, segundo o ambiente helenista, leva-nos a ver aí o tema do influxo vital e unificador. Essa imagem já encontramos nas grandes cartas de Paulo, referindo-se ao corpo e à sua relação com os diversos membros (Rm 12,4-5; 1Cor 10,17; 12,12-27). Efésios apresenta acepção nova, pois refere-se à Igreja em sentido universal, como totalidade dos fiéis em Cristo. As imagens “cabeça-corpo”, além de sublinhar o senhorio de Cristo sobre a Igreja, também ressaltam a dependência dela em relação a Cristo.<sup>22</sup>

### **C. Da morte (paganismo) para a vida (2,1-10): o poder do mal**

Após ter proclamado, no hino, a obra de Deus realizada em Cristo, o autor traz um tom de pregação, no qual se dirige aos gentios (vós), assim como aos judeus (nós). Recorda a seus leitores o modo de vida cristã atual, contrastando com a condição pré-bastimal dos gentios: estavam mortos, longe de Deus, em situação de não salvação. As transgressões e pecados, que levam à morte, não são vistos como algo

pontual, mas como manifestação de um comportamento moral, uma existência em rebelião, na desobediência a Deus.<sup>23</sup>

A linguagem empregada para descrever a condição de morte à qual os gentios estavam submetidos — “o mentor deste mundo”, “o chefe das potências dos ares” e “o espírito que atualmente está agindo nos rebeldes” —, de caráter mítico, expressa a realidade antagônica a Deus, uma realidade espiritual que ameaça e controla a história humana. Tudo isso serve para sublinhar, por um lado, a solidariedade histórica no mal e, por outro, revela o caráter religioso e antidivino desse mal ao qual o ser humano pode voltar-se.

Quanto à situação de morte dos judeus, diz respeito a um estado de corrupção cuja raiz encontra-se na “carne”, condição histórica do ser humano pecador. Esses “desejos da carne” não se reduzem simplesmente à corporeidade, nem muito menos à questão sexual. Da mesma forma, a frase “por natureza, destinados à ira” (v. 3) não se refere, como propõem alguns padres da Igreja, ao “pecado original”, mas o termo “natureza” diz respeito à condição efetiva do ser humano, enquanto “destinados à ira” significa que os seres humanos estavam submetidos ao juízo de condenação de Deus.<sup>24</sup> Em outras palavras, o que é afirmado nesses vocábulos “carne” e “natureza” não diz respeito à existência de um pecado inato, próprio à natureza humana, mas refere-se à condição histórica dos seres humanos, no caso judeus e gentios, solidários no pecado. À solidariedade no pecado se contrapõe, sem seguida, a solidariedade salvífica em Cristo, à qual todos foram associados, por pura iniciativa de Deus.

A realidade de pecado na qual tanto gentios como judeus estavam mergulhados foi transformada por Deus, “rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou” (v. 4), mediante a vida em Cristo. Deus gratuitamente salva os fiéis, associando-os ao destino de Jesus ressuscitado e entronizado nos céus (v. 6). Por duas vezes, o autor afirma: “É por graça que fostes salvos!” (v. 5), ressaltando, assim, a gratuidade absoluta da ação salvífica de Deus (v. 8-10). A salvação, à qual Deus nos fez partícipes, em Cristo, é descrita como uma nova criação (v. 10).

Em Cristo Jesus, a realidade na qual o ser humano foi chamado em sua origem, à comunhão de amor com seu Criador, é restaurada. É uma nova criação! Em Jesus Cristo, Deus revelou o rosto misericordioso do seu amor por nós. É, pois, na sua existência mortal, ou seja, na sua “carne”, totalmente aberta ao Pai, mediante a obediência filial, que Deus pôde salvar a humanidade a partir de dentro, ressuscitando-a para a vida divina. Pelo Batismo, todos nos tornamos partícipes dessa vida nova em Cristo, porque nos tornamos seu Corpo e, por isso, chamados a ser o lugar da revelação do amor de Deus no mundo.<sup>25</sup> As obras boas se traduzem em uma vida santa destinada a conservar a unidade, à vivência do amor fraterno, em conformidade com a vocação cristã que cada um recebeu.

#### D. Um em Cristo (2,11-22): união dos povos

Neste trecho, o autor apresenta a construção da Igreja por Cristo, em que Ele reuniu gentios (pessoas nascidas fora da religião judaica) e judeus, todos juntos formam a totalidade da salvação concedida por Deus. Em Cristo, Deus que é rico em misericórdia, une a humanidade e concede a vida a todos.

Cristo reconcilia a humanidade separada, dividida, fazendo da Igreja um só povo, uma nova humanidade, um só corpo. Todos se tornam cidadãos dos céus. O tema da unidade e da reconciliação em Cristo se faz notório no vocabulário empregado para descrever a inserção dos gentios na realidade nova da qual participam em virtude de sua adesão a Cristo.

O autor, do ponto de vista do mundo judaico, convida o leitor a lembrar de sua condição religiosa anterior a Cristo: “gentios na carne”, “incircuncisos”, “sem Cristo”, “excluídos do povo de Deus”, “sem esperança” e “sem Deus”. Essas são características indicativas daqueles que não pertenciam ao povo da aliança, da qual a circuncisão era sinal; que não participavam da relação privilegiada com Deus, relação que distinguia Israel dos demais povos. Mas o autor relativiza esse sinal carnal, a circuncisão, ao afirmar que foi feito “por mãos humanas”.

O “agora, porém”, no início do v. 13, marca o contraste entre a realidade antiga e a nova da qual os gentios participam: “no Cristo Jesus, vós que outrora **estáveis longe** chegastes **perto**, graças ao sangue de Cristo” (v. 13). Os gentios foram feitos próximos de Deus (v. 13.17). Foi pela obra de Cristo que a “paz” foi estabelecida, que a inimizade entre judeus e gentios foi destruída. E como fez isso? Em sua encarnação doada até a morte de cruz, Jesus derrubou o muro da inimizade, fazendo de dois povos um só, abolindo todas as exigências e mandamentos da lei. A “lei” abolida diz respeito aos preceitos judaicos que regulavam as relações de Israel com os outros povos, que fazia dele um povo separado. Não há mais barreira religiosa, cultural e racial a separar judeus e gentios. Todos são **um só** em Cristo.

Portanto, a obra pacificadora de Jesus consiste em reunir dois mundos, o judaico e o gentio, na criação de uma só humanidade nova, pela inserção de ambos na comunidade cristã. Nessa unidade, Deus habita de forma definitiva; essa unidade se apresenta como um ato criador de Cristo, que dá vida à humanidade nova. Essa nova humanidade se dá em Cristo, o qual, assumindo a “carne”, ou seja, a humanidade, a oferece na “Cruz” (cf. v. 16). Só uma humanidade que superou as divisões e venceu a hostilidade, graças ao amor gratuito ofertado na Cruz, pode unir-se a Deus como “um só corpo”. A humanidade nova é, pois, este povo unido, caracterizado pela superação de qualquer divisão, tabus etc., visto que, em Cristo, eliminou em si mesma os fatores de separação.

A paz é o bem messiânico supremo. Não se trata de um sentimento de bem-estar, mas do estado concreto de felicidade que resulta da unidade real vivida entre todos os seres humanos na presença definitiva de Deus. Essa situação de plenitude origina-se em Jesus, é perene em relação a Ele e já se concretiza no “nós” da comunidade eclesial, cujo amor de Cristo por cada um é fonte de unidade para todos.<sup>26</sup> Nele, unido em seu amor, todos temos acesso ao Pai, “em **um só Espírito**”. É, pois, graças ao Espírito Santo, presente na Igreja, que a comunidade pode fazer a experiência íntima do “*abbá*” (cf. Gl 4,6; Rm 8,15).

Excluídos antes, como gentios, da cidadania de Israel (v. 12), agora, como cristãos, tornaram-se “concidadãos dos santos” (v. 19),



com plenos direitos, herdeiros da promessa outrora feita a Israel e levada à plenitude por Jesus, “e familiares de Deus” (v. 19), pois em Jesus, o único Filho, vivem na intimidade de Deus-Pai.

E o resultado vivo e atual da obra de unificação de Cristo é a experiência da Igreja, a comunidade cristã, edificada “sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas” (v. 20). Apóstolos e profetas representam a consistência da estabilidade e da contínua renovação da Igreja. É uma construção viva, que tem “como pedra angular o próprio Cristo Jesus” (v. 20), pois vive da presença do Senhor e nele se apoia. É uma realidade sólida, mas não estática, pois, ligada a Cristo, fonte perene de coesão de todas as partes, cresce a construção como um Corpo, como uma realidade viva e variada, em direção à realização. Por meio de seu crescimento na unidade e no amor, torna-se cada vez mais a morada de Deus, no Espírito (v. 22).

O Espírito Santo tem, aqui, a última palavra. Ele é o Espírito do Ressuscitado que permeia todo o edifício vivo, une e distingue, é o vínculo de continuidade e crescimento constante da Igreja. A santidade da Igreja está na ação do Espírito Santo, o mesmo Espírito que agora chama todos os seres humanos à unidade. É no Espírito, por meio de Cristo, que a humanidade vai ao Pai: na Igreja, Deus abriu a sua realidade íntima de Comunhão para introduzir nessa realidade a humanidade inteira.<sup>27</sup>

### E. O ministério de Paulo entre os gentios (3,1-13): papel da revelação

Neste trecho da carta, o autor se apresenta como o Apóstolo Paulo, lembrando sua condição de prisioneiro de Cristo por causa dos gentios, da graça que Deus lhe concedeu em virtude de sua missão entre os gentios, a de receber por revelação o conhecimento do mistério de Cristo: o projeto salvífico de Deus. Mistério escondido às gerações passadas, mas revelado aos santos apóstolos e profetas, pelo Espírito, a saber: “que os gentios são admitidos à **mesma herança**, são membros do **mesmo corpo** e beneficiários da **mesma promessa**, em Cristo Jesus, por meio do evangelho” (v. 6).

Essas palavras grifadas, que literalmente significam “coerdeiros”, “comembros do corpo”, “coparticipantes da promessa”, ressaltam a importância que o autor atribui à unidade identificada precisamente com o mistério: em Cristo todos são **um só**. Essa unidade, que define a natureza da Igreja, é tanto vertical — entre Cristo e a Igreja —, quanto horizontal — na sua extensão universal, já realizada na comunhão entre judeus e gentios, no interior da Igreja. Nela, a união entre todos os povos no único Corpo de Cristo é prefigurada na união entre judeus e gentios.<sup>28</sup>

A salvação, antes reservada somente aos judeus, agora, por meio de Cristo, chega aos gentios que, unidos aos judeus, fazem parte do único plano salvífico. Nesse projeto de salvação, Paulo tem um lugar proeminente: como ministro do Evangelho, recebeu, como dom de Deus, a missão de “anunciar aos gentios a riqueza insondável de Cristo” (v. 8). Em Cristo, de fato, Deus revelou o seu insondável designo, o mistério surpreendente e profundo da reconciliação universal que já resplandece na Igreja, o Corpo de Cristo. E esse anúncio é uma iluminação destinada a todos, que penetra o coração do ser humano e o transforma profundamente: o esplendor que provém da unidade como finalidade do projeto de Deus.<sup>29</sup>

Para viver a unidade à qual todos são chamados e irradiar sua luz no mundo, à Igreja é confiada a missão de dar a conhecer aos principados e às potestades a multiforme sabedoria de Deus que nela se encarna. Sua tarefa para com a humanidade não consiste em simplesmente propor uma nova religião, mas em uma tarefa sempre atual de libertação: o ser humano não é mais vítima de forças invisíveis que o dominam, como a fatalidade ou o acaso. O ser humano é sujeito de uma história que tem seu início em Deus, faz parte de um universo ordenado a uma finalidade, a reconciliação universal, em Cristo. A Igreja tem a missão de iluminar os seres humanos, para que possam ser livres de toda potência opressiva, seja de ordem cultural, política, seja religiosa.<sup>30</sup>

O projeto de Deus, concebido antes da história, tornou-se evento na terra, em Jesus Cristo. Ele foi comunicado à Igreja, que tem consciência de ser uma comunidade na qual as divisões são superadas.

Assim, ela pode, na unidade, dirigir-se a Deus em uma relação inteiramente nova. Essa relação é expressa na coragem de testemunhar e no acesso confiante, mediante a fé, de quem sabe voltar-se a Deus sem medo, na alegria de chamá-lo “Pai”.

## **F. Oração pelos leitores (3,14-21): fundamentados no amor**

Para que possa permanecer fiel a essa salvação, o autor deseja que a comunidade esteja enraizada no Amor de Cristo. Só o aprofundamento no Amor de Cristo, que se traduz no amor fraterno, garantirá a capacidade para entender e experimentar a plenitude de Deus. A experiência do amor de Cristo não se dá de forma privada, mas em comunhão com todo o povo de Deus. E a Igreja é o espaço dessa experiência do amor, como realidade de relacionamentos fundados na fé em Jesus.

Pedir ao Pai a força do Espírito significa pedir sempre uma conformidade mais profunda com Cristo, que habita em nós, deixando-nos mover pela força transformadora do seu amor. É, pois, pela fé que Cristo habita em nós, não uma fé como a adesão intelectual a verdades ortodoxas, mas no sentido existencial, como experiência de encontro com aquele que dá sentido à vida. É um comportamento de abertura que sabe acolher. A fé modela o ser daquele que crê, o põe em um sim constante ao dom salvífico de Deus. Cristo, no coração do ser humano, não toma o lugar do “eu”, não tolhe a responsabilidade humana, mas dá à consciência profunda do crente o caráter filial de quem sabe receber a si mesmo do Pai.<sup>31</sup>

## **G. Tema central (4,1-16): unidade do Corpo de Cristo**

Percebe-se que é esse o tema central: a unidade do Corpo de Cristo. Essa unidade está presente desde o início da carta até a saudação final. A unidade vem da Trindade, o Pai e o Filho juntamente com o Espírito elegeram gentios e judeus para receberem gratuitamente a salvação em Jesus Cristo. A centralidade de Cristo, sua ação redentora e restauradora e a paz que Ele concede a todos os que aceitam fazer parte desse grupo,

está sempre unida à decisão do Pai e à ação do Espírito. Assim também, o pensamento sobre a Igreja (eclesiologia) está firme em Cristo, cabeça da Igreja, mas isso ocorre pela ação do Espírito Santo em unidade com Pai.

A unidade está garantida graças às afirmações: temos um só corpo, um só espírito e uma só esperança. A Igreja é o corpo de Cristo, pela ação do Espírito, e caminha nesse mundo na esperança da glória futura. O autor parte da realidade experimentada pela Igreja. Os cristãos e as cristãs são chamados a viver em comunidade, seguindo os passos de Jesus, graças a ação do Espírito que atua na vida da Igreja. Esperando pela glória futura, enquanto trabalha pela construção terrena de um mundo mais justo.

Depois ele vai afirmar que há um só Senhor, uma só fé e um só Batismo. Segundo a Carta aos Efésios, é o Senhor o fundamento da nossa fé recebida no nosso Batismo. Sermos batizadas e batizados nos torna participantes dessa unidade que parte de Jesus, sua Vida, morte e Ressurreição. Ser Igreja significa estar mergulhado nesse mistério de amor.

Há um só Deus e Pai de todos. A paternidade divina é estendida a toda a humanidade através da ação da comunidade eclesial. Deus amou tanto o mundo que nos deu seu filho, Jesus, que se entregou por amor à humanidade, deixando seu Espírito para conduzir os seus seguidores, a comunidade dos seus discípulos e das suas discípulas. A vida em comunidade revela para o mundo o quanto Deus nos ama. A comunidade age em meio ao mundo como faria o próprio Jesus. Deus ama e cuida do mundo por intermédio da comunidade cristã, quando essa atua segundo o Evangelho. Em Jo 5,17, Jesus afirma que Ele e seu Pai trabalham para cuidar da humanidade.

A Igreja, como a nova criação de Deus, expressa a reafirmação do amor de Deus por sua criação. Ele viu que tudo era muito bom (Gn 1,31). Deus, Pai e Criador, ama e cuida de toda a sua criação por meio da comunidade cristã. Como o bom samaritano, a comunidade é convocada a amar e cuidar da Casa Comum e de seus irmãos e irmãs que foram maltratados e acabaram caindo e se encontram abandonados

pelos caminhos, pelos becos e pelas vielas de nossas cidades. O Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, nos relembra do nosso chamado, como Igreja em saída, para acolher os que estão às margens da vida da Igreja e para cuidar deles, pois constituem nossa responsabilidade evangélica: “Vai e faze o mesmo” (Lc 10,37).

Segundo o autor da Carta aos Efésios, essa unidade só é possível porque Jesus distribuiu dons à Igreja. Todos os dons estão a serviço da edificação da comunidade cristã. Os serviços de apóstolos, profetas, mestres e evangelistas estão ligados à proclamação e à expansão do Evangelho, e os pastores ligados ao cuidado e à organização da comunidade. Todos os ministérios estão a serviço do povo de Deus. A responsabilidade pela Palavra torna a comunidade adulta na fé e atesta a maturidade cristã.

A Igreja é formada por adultos na fé, que não poderão mais ser enganados por falsas doutrinas que contradigam a Verdade pregada e vivida por Jesus Cristo. O crescimento da comunidade cristã acontece graças ao trabalho pessoal de cada membro da Igreja. O testemunho de vida dos cristãos e das cristãs no seguimento do Evangelho de Jesus é a garantia da unidade da Igreja. A unidade da Igreja se dá pela dinamicidade de seus dons e serviços dentro da comunidade, trabalhando todos pela construção e pelo crescimento do Evangelho.

### **F'. Regras para a vida nova (4,17–5,5): viver no amor**

O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, homem e mulher (Gn 1,27) chamados a uma relação com seu Criador. No entanto, não quiseram se relacionar com Deus, devido à desobediência, por não estarem dispostos a escutar a voz de Deus e fazer a sua vontade. Por isso, o autor discorre sobre o tema do “vestir-se da nova humanidade”, pois Cristo é a imagem perfeita do Pai, aquele que realiza em plenitude sua vontade soberana. Cristo é aquele que verdadeiramente ouve a voz de Deus, o Pai.

A Carta aos Efésios chama a atenção para a diferença entre o modo de viver dos gentios, dos cristãos e das cristãs. É preciso abandonar a antiga conduta, o ser humano velho, que vai continuamente se corrompendo, e vestir-se do ser humano novo, criado à imagem de

Deus. Essa imagem nova é apresentada por Jesus, que vive na justiça, na santidade da verdade.

A imagem do homem novo aparece em Rm 13,14, Gl 3,27 e Cl 3,10. Essa imagem nos remete a um contexto batismal. Ser mergulhado na vida de Jesus quer dizer renascer para um novo estilo de vida. Na época em que essa carta foi escrita, significava romper com o modo de vida dos chamados “gentios”. Eles vivem na futilidade, ou no nada, têm a inteligência privada da luz de Jesus que ilumina o modo de agir dos cristãos. Eles não partilham da vida de Deus. Se falta Deus, eles não têm nada. Os cristãos e as cristãs são diferentes, porque Cristo ensinou a verdade, aqui entendida como o modo de agir de Jesus e da Igreja.

Essa renovação se dá pela ação do Espírito, que transforma o agir da comunidade cristã segundo o que foi ensinado por Cristo. É o Espírito que relembra à comunidade a entrega de Jesus, a doação de sua vida, sua preocupação com os mais necessitados, sua vida de escuta do Pai e o seu trabalho incansável pela instauração do Reino de Deus. Reino em que não houvesse mais fome nem sede, nem doentes sem atendimento, tristezas sem consolo, em que a violência fosse combatida pela não violência. A Igreja aprende do Cristo e vive na verdade que é o Cristo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A Igreja é rejuvenescida pelo Espírito, está sempre jovem e cheia de energia para trabalhar na diversidade pela unidade.

Para que se viva, concretamente, a vida nova em Cristo, é apresentada uma lista de vícios a ser rejeitada e de virtudes que devem ser observadas pela comunidade cristã; esse tipo de catálogo era comum no mundo greco-romano.<sup>32</sup> O grande diferencial dessas regras é que a motivação delas está centrada na pessoa de Cristo, na radicalidade no seguimento do Evangelho. É necessário agora viver uma nova vida, por isso a oposição entre a mentira e a verdade, a verdade aqui compreendida como o próprio Jesus, a Boa-Nova. Falar mentira é falar contra o Evangelho. A ira, o roubo, a falta de perdão são vícios que atingem diretamente a vida em comunidade.

Viver uma vida nova em Cristo é ter como centro as relações comunitárias, em que o fundamento é o perdão concedido por Deus

através de Jesus. A ira se opõe ao perdão, o roubo, como exploração do próximo é oposto ao trabalho, cujos frutos devem ser repartidos com os que não têm. Todas as virtudes são exercitadas tendo em vista o crescimento dos vínculos cristãos e a unidade da comunidade cristã.

Na comunidade cristã, é vivida a experiência de Deus, como Pai de todos. Nela também se recebe o perdão dos pecados, que deve ser partilhado na vivência cotidiana. Os cristãos e as cristãs são convocados a serem imitadores de Deus como filhos e filhas queridos. A vida nova em Cristo exige caminhar no Amor (ágape), o mesmo que fez com que Ele se entregasse por amor à humanidade. A vivência da fé cristã não permite que se viva envolvido em conversas levianas, indecentes, desrespeitosas e inconvenientes, que não levam ao crescimento humano nem espiritual da comunidade cristã.

### E'. Renúncia aos costumes pagãos (5,6-20): papel da revelação

“Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor” (v. 8), as trevas não podem caminhar com a luz, há uma separação total entre elas. Os filhos da luz produzem frutos que são a bondade, a justiça e a verdade. Fazem o bem, vivem segundo a justiça e a verdade. Pelo Batismo, os cristãos e as cristãs são iluminados pela luz de Cristo e passam a viver enxergando o mundo e as relações por essa luz de Cristo. Quem vive na luz não se envergonha de seus atos, pois realiza sempre o bem, ou deveria realizar sempre. As más ações que prejudicam as pessoas são geralmente praticadas em segredo, são ocultadas. As calúnias, as mentiras, os roubos, os assassinatos são ações dos filhos das trevas.

É importante destacar que a comunidade cristã deve sempre **discernir o que agrada ao Senhor** (v. 10; cf. Rm 12,2; 1Cor 11,28.31-32; Fl 1,10-11), qual a sua vontade. O modo como agradar a Deus não está escrito em listas. A ética cristã não se resume em catálogo de vícios e virtudes, como havia entre gregos e romanos. A ética cristã exige um comprometimento com o Evangelho, é preciso pensar bem todas as ações a partir do agir de Jesus. O discernimento exige liberdade diante de Deus e dos desafios apresentados diariamente à comunidade cristã.



Também é exigência manter-se coerente com a opção pelo seguimento de Jesus e de suas escolhas pelos mais desamparados, pelo desprestígio, pelo anonimato. A cada passo corresponde uma escolha sempre exigindo respostas novas, é preciso criatividade evangélica e o auxílio constante do Espírito Santo.

A nova vida em Cristo inclui **viver como sábios**, que sabem aproveitar o tempo, discernindo a vontade do Senhor. A vida cristã em comunidade deve ser vivida na alegria do Espírito Santo, sempre rendendo graças ao Senhor.

### D'. Exortação (5,21–6,9): união do casal

As exortações da Carta aos Efésios dizem respeito à relação familiar, em diversos níveis: esposos-esposas, pais-filhos, senhores-escravos. A chave de leitura dessas relações é ofertada logo na abertura: “Sede submissos uns aos outros, no temor de Cristo” (v. 21). Do ponto de vista das estruturas socioculturais que regem as relações, a carta não oferece nenhuma mudança, mas há um grande diferencial, a motivação que, de agora em diante, vai reger essas relações. Não se pode esquecer o contexto cultural e religioso em que a estrutura familiar está inserida, no qual as relações entre esposos-esposas, pais-filhos e senhores-escravos eram desiguais, marcadas pela estrutura patriarcal, tendo o pai como senhor que manda e é obedecido sem nenhuma contestação possível. Toda a família estava submetida ao poder patriarcal, incluindo também os escravos.

A novidade evangélica é que a “submissão” deve ser vivida entre todos: os esposos devem se submeter às suas esposas, os filhos aos pais, e senhores aos escravos, e vice-versa. Há uma convocação a viver a submissão mútua no temor de Cristo. Isso quer dizer que nessas relações deve prevalecer a centralidade de Cristo, o reconhecimento do papel de Cristo na comunidade cristã e na maneira como ela vive as relações familiares no contexto cultural e religioso já estabelecido, reconhecendo os papéis de esposo, esposa, filhos e escravos.

Segundo alguns estudiosos, o autor parece estar mais preocupado em apresentar a relação de Cristo e da Igreja, uma eclesiologia, a partir do matrimônio. O Matrimônio deve ser compreendido mirando a

relação de entrega de Cristo à Igreja; o amor e o cuidado que marcam essa relação devem ser vividos também pelos casais. O autor retoma Gn 2,24, no qual se afirma a união do homem e da mulher, que formam uma só carne, e também Lv 19,18, o mandamento de amar o outro como a si mesmo. No Matrimônio esses mandatos de amor e cuidado são concretizados na relação entre esposo e esposa. Como ambos amam a Deus e a si mesmos, amam e cuidam de seu corpo na concretização do Matrimônio, em que se tornam um só corpo. Amando e cuidando um do outro, os esposos estão realizando o mandato divino, trilhando o mesmo caminho feito por Jesus em relação à Igreja.

A obediência dos filhos e dos escravos deve ser experienciada na obediência maior da fé em Deus, obedecer no Senhor. Essa afirmação, em um primeiro momento, parece resignativa, mas é libertadora. O verdadeiro Senhor da vida é o Cristo, e é preciso viver a sua entrega na doação de vida de cada um em suas relações, sejam filhos, sejam escravos. Pode-se considerar, no caso dos escravos, como uma forma de dar-lhes alento, na impossibilidade de uma libertação terrena. Mas, assumindo sua dignidade de filhos e filhas de Deus, em Jesus, recebem as ferramentas para lutar por mudanças em sua situação histórica.

Essas exortações estão marcadas pela Unidade em Cristo. Todas essas relações estão fundamentadas no temor do Senhor e na submissão a Ele. É necessário saber, portanto, que a forma de agir de esposos e esposas, pais e filhos, senhores e escravos só será válida se for conforme a verdade do Evangelho de Jesus Cristo.

### **C'. Armadura do cristão (6,10-17): o poder do mal**

Para manter a unidade da comunidade cristã, é importante, nessa carta, a fidelidade e a perseverança, que só poderão ser alcançadas mediante uma atitude de vigilância e oração. Para lutar, os cristãos vestem as armas que os capacitam para as batalhas que serão travadas. É importante saber que o mundo antigo, tanto o helenístico quanto o judaico, acreditava que o mundo era regido pelos seres espirituais, que ficavam entre o céu e a terra. Eles representam forças maléficas que impedem que a vida seja plena para todos. A morte, a mentira, a

corrupção são potências das quais os cristãos podem se libertar, porque Cristo já as venceu por sua Vida, morte e Ressurreição.

A armadura, apresentada pelo autor, é tirada parcialmente das vestimentas conhecidas na época dos soldados romanos. A força que reveste os cristãos é simbolizada pelas armas espirituais, ressignificadas pela experiencial batismal, em que os cristãos são revestidos de uma nova veste que os capacita a uma existência diferente. Nessas vestes, cada elemento tem sua função:

– **a verdade como cinturão:** representa a prontidão para a luta; mas essa luta simboliza o agir cristão marcado pela verdade, entendida como o próprio Jesus;

– **a couraça da justiça:** o que protege a parte mais vulnerável do soldado, o peito; representa a justiça nos profetas, em especial em Isaías (Is 59,17; 46,13; 51,6.8; 56,1). Traz um paralelo com a palavra salvação e significa a fidelidade de Deus, manifestada em seu modo de agir a favor do povo, em cumprimento das promessas da Aliança, de cuidado e proteção;

– **os pés calçados com a prontidão do Evangelho da paz:** estar calçado significava estar preparado para longas caminhadas; aqui se destaca a importância do mensageiro da paz, já citado por Isaías 52,7 e nos Evangelhos. Em relação ao vocabulário ligado ao mundo do combate, há um elemento destoante: a luta que se trava tem como objetivo o estabelecimento da paz entre as divisões humanas, unir gentios e judeus, fazendo desses dois grupos um só pelo anúncio do Evangelho da paz;

– **o escudo da fé:** o escudo fornece a proteção no combate, representa a segurança diante dos inimigos. A fé é a garantia dos cristãos e das cristãs no enfrentamento de todas as batalhas, certos da fidelidade de Deus Pai e de Jesus Cristo.

– **o capacete da salvação:** não se trata apenas de uma arma, é a meta final e a esperança da certeza da vitória;

– **a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus:** no Antigo e no Novo Testamento, a Palavra de Deus é representada por uma espada

(Os 6,5; Is 49,2; Sb 18,15; Hb 4,12; Ap 1,16; 2,12, 19,15). Os cristãos e as cristãs são chamados a “revestir-se, pegar, receber” esses dons para lutar e se manter na fidelidade do seguimento de Jesus, tanto pessoal como comunitariamente.

### **B'. Oração (6,18-22): oração e súplica**

A fidelidade e a perseverança só serão alcançadas pela oração constante no Espírito juntamente com a atitude de vigilância. É importante também a intercessão pelos anunciadores da palavra, representados aqui por Paulo, que não mede esforços no trabalho incansável de testemunho e anúncio da Palavra.

### **A'. Bênçãos (6,23-24): a graça de Jesus Cristo**

Assim como o autor começa a carta com uma saudação inicial e uma oração em nome de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo, da mesma forma finaliza a carta, desejando à Igreja, paz, amor e graça. A paz é fruto da reconciliação realizada por Jesus entre judeus e gentios, fazendo dos dois uma unidade. O amor (ágape) revela o modo como se dão as relações internas dos que vivem na comunidade, marcadas pela doação de si para o bem-estar de todos. A graça é o amor-fidelidade de Deus revelado na sua ação salvadora, sua constante busca pelo resgate da humanidade e pela construção da paz entre todos os povos, através da ação libertadora de Jesus.

## **3. Vestir-se da nova humanidade no mistério de Cristo**

Toda a Carta aos Efésios, em suas diversas partes, ressalta a unidade de todos os povos em Cristo, formando nele uma nova humanidade, redimida em sua oferta na Cruz, para viver uma relação filial com Deus, o Pai, mediante o dom do Espírito. Essa realidade à qual a humanidade é vinculada, a unidade em Cristo, torna-se possível na Igreja, Corpo de Cristo, lugar da experiência de encontro com o Ressuscitado e da vivência do amor fraterno. Desse encontro nasce o cristão para uma vida nova, em Cristo, na comunhão com Deus e na vivência da unidade entre os membros da comunidade dos seguidores e

das seguidoras de Cristo, na Igreja. Assim, cristologia e eclesiologia se entrelaçam, duas faces da mesma realidade do mistério de Cristo.

### **A. Vestir-se do homem novo: viver em Cristo**

A salvação à qual Deus nos fez partícipes é descrita como uma nova criação (2,10). Em Cristo, a realidade na qual o ser humano foi chamado em sua origem à comunhão de amor com seu Criador é restaurada. É uma nova criação! Cristo, através da sua carne, da sua humanidade, nos abriu um caminho novo (Hb 20). Foi em sua existência mortal, totalmente aberta ao Pai, mediante a obediência filial, que Deus pôde salvar a humanidade a partir de dentro, ressuscitando-a para a vida divina. Pelo Batismo, todos nos tornamos partícipes dessa vida nova em Cristo, porque nos tornamos seu Corpo e, por isso, chamados a ser o lugar da revelação do amor de Deus no mundo (2,1-10).

Nesse sentido, o autor da carta fala de “passagem da morte para a vida” ao dirigir-se aos gentios que aderiam ao plano salvífico que Deus realizou em Cristo, mediante o Batismo. Por isso, é preciso abandonar a antiga conduta, o ser humano velho, que vai continuamente se corrompendo, e vestir-se do ser humano novo, criado à imagem de Deus. Essa imagem nova é apresentada por Jesus que vive na justiça, na santidade da verdade.

A frase “vestir-vos do homem novo” (cf. v. 24a) contrasta com a frase “despojar-vos do homem velho” (v. 22b). Essa imagem do “vestir” nos remete tanto ao contexto batismal (cf. Rm 13,14; Gl 3,27; Cl 3,10) quanto à tradição bíblica sapiencial, que fala de “veste da justiça” (cf. Jó 29,14; Sl 132,9; Is 39,17). Ser mergulhado na vida de Jesus quer dizer renascer para um novo estilo de vida. Na época do autor, significava romper com o modo de vida dos gentios, dos que vivem na futilidade, que têm a inteligência privada da luz de Jesus que ilumina o modo de agir dos cristãos.

Essa frase deve ser lida em seu conjunto (vv. 20-24), pois, em sua organização sintática, constitui um desdobramento de todo o discurso que se inicia no v. 20. Nos vv. 17-19, o autor discorre sobre uma série

de características que definem o mal comportamento dos gentios, exortando os fiéis a não mais agirem da mesma forma. A essa forma de conduta, o autor contrapõe outra, na qual ele afirma que os fiéis “não aprenderam” de Cristo (cf. v. 20). O aprender, aqui, diz respeito ao ensinamento cristão, ou seja, o significado de Cristo para a vida cristã. E continua a exortação, com uma frase condicional, inserida pelo “se, de fato”, para descrever o que os fiéis deveriam realmente ter assumido quando foram batizados. Na verdade, o autor questiona o processo que os fiéis fizeram, a saber, o ouvir e ser instruído na verdade, que é Jesus.

O v. 21 desenvolve esse processo: “ouvistes falar dele”, que diz respeito ao querigma primitivo, o primeiro anúncio, o Evangelho, no qual o “ouvir” supõe adesão a Ele e ao seu projeto de vida; e “nele fostes instruídos” refere-se à catequese batismal, na qual os novos cristãos são instruídos a assumir a vida cristã. Essa instrução tem como finalidade fazer o cristão entrar em contato direto com Jesus Cristo, a fim de que Ele se torne o centro da existência nova. Pregação e catequese são duas realidades inseparáveis do processo de adesão a Cristo. E isso é feito “conforme a verdade que há nele, em Jesus” (v. 21). No contexto catequético, indica que a fé no Ressuscitado não se apoia em um mito, mas na pessoa concreta e histórica de Jesus.<sup>33</sup> Isso significa que a vivência da fé é inseparável do engajamento na história humana, a fim de que o testemunho cristão seja “uma lâmpada sobre o candeeiro, que ilumina toda a casa” (cf. Mt 5,15). Como Jesus, em sua peregrinação histórica, viveu sua vida humana comprometida com os pobres e marginalizados da sociedade, resgatando nas pessoas a dignidade de filhos de Deus, o cristão não pode prescindir desse compromisso, se de fato quiser viver a autenticidade de sua vocação. À medida que o cristão aprofunda sua relação pessoal e comunitária com Jesus Cristo, cresce também o conhecimento dele, do seu amor e de seu compromisso com a vida humana.

No v. 22, o autor explicita a exigência dessa nova vida assumida no Batismo: “despojar-vos do homem velho” (v. 22), que significa, especificamente, “deixar a conduta anterior”, no caso, a que os gentios convertidos tinham antes de se tornarem cristãos, descrita nos vv. 17-19: uma existência fadada ao fracasso, à autodestruição devido às

escolhas equivocadas na vida, orientada a uma busca desenfreada por satisfações pessoais, tudo isso devido a uma visão errônea que a fundamenta. E qual seria? A convicção de realizar-se na busca egoística dos próprios desejos, deixando-se enganar por uma força de sedução oposta ao amor. Essa velha humanidade causa-lhes um grande mal, pois “vai se corrompendo ao sabor das paixões enganadoras” (v. 22).

Abandonar o “homem velho”, ou seja, uma conduta pecaminosa, é um desafio diário para o cristão e para a cristã. Isso porque as “paixões enganadoras” que corrompem a vida humana são muito atrativas, pois oferecem satisfação imediata. A busca desenfreada por satisfação pessoal, por preencher um vazio existencial, pode iludir muitas pessoas. Como exorta a carta: “não vos comporteis mais como se comportam os gentios, por sua mentalidade fútil” (Ef 4,17). A nova lógica cristã impele ao reconhecimento e à renúncia das ilusões deste mundo, denominadas pelo Eclesiastes como “ vaidade das vaidades” (Ecl 1,1), quer dizer, a neblina, a fumaça que não se pode agarrar. Por isso, é “suprema ilusão” correr atrás do vento.

Despojar-se do ser humano velho exige não apenas uma decisão inicial, mas um contínuo esforço que, concretamente, o autor desenvolve nos vv. 23-24. Primeiro, “é preciso renovar-vos pela transformação espiritual de vossa mente” (v. 23); isso quer dizer que, para que haja mudança de comportamento, se faz necessário uma mudança na mentalidade, em oposição à “mentalidade fútil” (v. 17), no sentido sapiencial de “vazio” (Ecl 1,2). Mudar de mentalidade nos remete à narrativa evangélica em que Jesus anuncia a proximidade do Reino, convocando os ouvintes a mudarem de mentalidade: “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15b). É Preciso deixar-se iluminar pela luz do Evangelho anunciado, que é o próprio Cristo, capaz de transformar a existência e imergir em um comportamento inspirado no amor. E isso requer a obra do Espírito Santo que foi derramado com profusão no coração do batizado.

A transformação espiritual que se faz necessária ao cristão é um processo que começa no Batismo, mas dura a vida inteira, como um itinerário a ser percorrido até alcançar a plenitude, em Deus. É o caminho de santidade que todos somos chamados a trilhar, pois somos



criados à imagem e à semelhança de Deus, o Santo. É, pois, pela ação do Espírito Santo, fonte de luz e de força, que o cristão alcançará de forma profunda a mudança de mentalidade e de hierarquia de valores.

Em segundo lugar, para que ocorra essa mudança de mentalidade, que está na base do “despojar-se do ser humano velho”, se faz necessário “vestir-vos do ser humano novo, criado à imagem de Deus, em justiça e santidade da verdade” (v. 24). Mas o que significa essa “nova humanidade”? Em Ef 2,15-16, o autor emprega a expressão “um só homem novo” ao falar da ação salvífica de Cristo, a reconciliação da humanidade com Deus, que tem como consequência o estabelecimento da paz, isto é, a reconciliação de dois povos inimigos, judeus e gentios, em um só corpo. Essa realidade torna-se visível ao mundo na Igreja, o corpo de Cristo. No entanto, em Ef 4,24, o autor quer ressaltar a renovação interior que acontece no batizado, que o capacita a um comportamento moral de acordo com a fé professada, que se traduz em uma vida nova em Cristo.

A frase seguinte, “criado segundo Deus”, indica como é essa nova humanidade. O autor condensa o que está escrito em Cl 3,10: “e vos revestistes do homem novo, o qual vai sendo sempre renovado à imagem do seu criador”. Este trecho faz referência a Gn 1,26-27, em que o ser humano é criado à imagem de Deus. Isso significa que o ser humano novo é obra de Deus, não do esforço humano, mas que requer sua colaboração. E essa humanidade nova, desejada por Deus desde a criação do mundo, alcança sua realização definitiva, escatológica, em Cristo. A humanidade nova é a vocação do ser humano segundo Deus, realizada e dada em Cristo, que completou a obra começada, o projeto inicial do Criador.

Consequência dessa “nova criação” é uma conduta na “justiça” e “santidade” (cf. Sb 9,3). De fato, a justiça diz respeito ao “ajustar-se” à vontade de Deus. Como foi afirmado antes, Deus está no princípio de tudo, Ele é a “cabeça” da Criação, de todos os seres criados, da humanidade, dos animais, da natureza etc. Tudo tem seu princípio, sua fonte de existência, em Deus. O ser humano novo é, pois, criado nessa “justiça” que define sua relação com o Criador: ajustar-se à sua

soberana vontade, ao seu desígnio de salvação, revelado em Cristo, no qual toda a humanidade é chamada a viver em comunhão de amor.

Assim como o pecado é o rompimento da relação do ser humano com Deus, o seu Criador, e gera um conseqüente rompimento do ser humano consigo mesmo, com os demais e com a criação, em suas diversas manifestações, a reconciliação com Deus, realizada em Cristo, na nova criação se manifesta na abertura do ser humano a Deus, como fonte de sua existência; a si mesmo, como alguém que se vê amado por Deus; ao outro, como irmão e depositário do amor divino; e a toda a criação, nossa Casa Comum.

Pode-se dizer que tal comportamento é uma autêntica resposta à experiência que o ser humano faz de Deus, porque vem da “verdade” (cf. v. 24) e não mais do “engano” (cf. v. 22). A verdade como luz que emergiu do acontecimento pascal da morte e da Ressurreição de Jesus é, ao mesmo tempo, a revelação e a realização da humanidade segundo o plano de Deus, em Cristo Jesus.<sup>34</sup> Essa verdade deve, agora, iluminar e orientar o caminho do cristão e da cristã, a fim de que, deixando as sombras da existência passada, assuma, de fato, a humanidade nova manifestada em uma existência de amor filial ao Pai, em Cristo, por meio do Espírito Santo, na Igreja e como Igreja, Corpo do Cristo.

## **B. A vida nova no mundo: Igreja-Corpo de Cristo**

Partindo dessa leitura concêntrica, ou seja, de um centro comum que seria a “unidade do corpo que é a Igreja” (4,1-16), e observando que a unidade se faz presente em cada uma das partes da carta, importa destacar na leitura desse escrito como é apresentada a imagem da Igreja. Desde o início, na saudação, é visto o protagonismo trinitário: toda a ação salvífica passa pelas três pessoas da Trindade. Pode-se concluir que não seria diferente em relação à imagem de Igreja oferecida por Efésios.

A Igreja de Efésios é diferente da que se vê nas cartas de Coríntios, Filipenses e Romanos. Ela não trata de igrejas locais, as afirmações que se fazem da Igreja estão direcionadas à universalidade. Isso revela um tempo posterior à expansão do cristianismo pós-apostólico. As

comunidades já têm certo tempo de caminhada, com certa estrutura já estabelecida. Já não se apresentam os problemas comunitários — divisões dentro da comunidade, problemas de disputas de liderança —, pois o autor não escreve para tratar de problemas específicos. A carta se apresenta como uma exposição bem organizada sobre o que é o papel desempenhado pela Igreja no mundo onde ela está inserida. Ela não trata de questões ligadas a uma única comunidade, mas reflete como os cristãos desse período entendiam a Igreja e seu lugar no mundo.

O personagem Paulo que surge nessa carta já não reflete aquele homem combativo, cheio de energia e pronto para enfrentar todas as dificuldades da comunidade. Transparece uma pessoa muito certa de todas as suas afirmações, sem contestação por parte das comunidades. Ele surge como uma figura aceita e respeitada dentro das comunidades cristãs, suas palavras, seus ensinamentos são extremamente importantes e sua autoridade é reconhecida graças ao seu trabalho evangelizador.

Nessa dinâmica da unidade, a Igreja é o Corpo de Cristo; nele há uma ligação entre Cristo e a Igreja muito forte. Essa ligação é a garantia da unidade. A característica principal da Igreja é a sua união ao Cristo-Cabeça, o que ela é e como ela vive dependem dessa forte relação com Cristo. Sua identidade está associada a essa relação profunda, suas ações estão sob o comando do Cristo, sua existência e sua inserção no mundo estão sob a orientação do Cristo. Não se pode separar a cabeça de seu corpo, o corpo necessita ser guiado pela cabeça, todas as suas ações e todas as suas decisões estão intrinsecamente unidas.

Dessa relação Cabeça-Corpo, Cristo-Igreja, brota suas características. A Igreja pertence a Cristo. Embora tenha sua existência nesse mundo, com suas lutas e desafios, ela tem seu centro na eternidade nos céus, com Jesus. Ela participa da vida divina através de Cristo. Como corpo, continua vivendo e lutando por estruturas mais justas e fraternas, porque isso era e é o desejo de Jesus.

Então vem a pergunta: O que faz a cabeça e o que faz o corpo? A cabeça coordena todas as ações do corpo, ela dá os comandos e os membros do corpo obedecem e realizam as ações. Ela identifica quando um membro do corpo está doente para que possa ser tratado. Há uma

relação de interdependência, a cabeça pode planejar as ações, mas ela necessita do engajamento de todos os membros do corpo. É o corpo que se expõe ao sol, à chuva, aos ventos. Para chegar a qualquer decisão, a cabeça precisa verificar como os membros estão e como reagem. Um exemplo de uma corredora: ela decide participar de uma maratona em que nunca tinha corrido. Ela necessita treinar para verificar as condições de seu corpo, ele suportará? Não basta só ela decidir, é preciso envolver seu corpo nessa empreitada.

Assim também se dá na relação entre Cristo e a Igreja, a salvação foi dada gratuitamente à humanidade através de Jesus. Ele assegurou a unidade, batizados e batizadas em seu nome, todos se tornam participantes dessa fé, pertencentes à Igreja de Cristo. Portanto, devem atuar no mundo em nome de Cristo para continuar garantindo a unidade entre todos.

Como a Igreja se entende está intimamente relacionado à sua compreensão de Cristo, ou seja, a eclesiologia depende da cristologia. Na Carta aos Efésios, não se trata simplesmente de espelhar as ações de Jesus, há um elo de ligação mais profundo e indissociável. A Igreja, entendida como comunidade dos cristãos e das cristãs, vive **em** Cristo, **com** Cristo e **por** Cristo.

Isso traz um componente vital e essencial para a existência e a sobrevivência da Igreja. Não se pode imaginar um corpo, que tanto pode ser humano quanto animal, subsistindo sem a cabeça, se a cabeça é arrancada, logo o corpo morre. Da mesma forma, a cabeça não vai existir sem o corpo. Há uma unidade entre cabeça e corpo, Cristo e a Igreja. Os membros devem experimentar em suas relações internas o que ocorre entre Cristo e a Igreja, perfeitas sintonia e unidade em todas as suas ações e decisões.

Todas as pessoas que compõem a Igreja possuem a garantia de ser parte desse Corpo e nele ser salvo, redimido. A pertença a esse Corpo impõe, por si mesma, algumas condições. Significa ter toda a sua vida orientada pela Cabeça, que é o Cristo, estar no mundo vivendo e agindo pela graça do Espírito, em união ao Pai. A Igreja — Corpo de Cristo — ganha uma dimensão universal e um respaldo divino.

Esse chamado da Igreja à universalidade acarreta grande responsabilidade para os cristãos e para as cristãs, como é apresentado no decorrer de Efésios. A carta é dividida em duas partes: 1,3–3,21: o chamado feito por Deus; e 4,17–6,24: a maneira correta de viver dignamente esse chamado.

Vestir-se da nova humanidade em Cristo significa aprender a ser humano com Jesus. Essa não é uma tarefa fácil em um ambiente marcado pelo pluralismo religioso e pela frouxidão na vivência dos valores cristãos. Por isso, há a necessidade do combate diário para viver a fidelidade ao seguimento de Jesus. É preciso estar atento à forma como Jesus tratava as pessoas, de quem Ele se aproximava, quais eram os grupos sociais com que Ele convivia, qual era a sua relação com os donos do poder econômico e religioso da época.

Todos os seus ensinamentos valorizam a vida humana, Ele vê e escuta o sofrimento dos abandonados de seu tempo, não se importa com o rigor das leis de pureza, aproxima-se dos leprosos, dos doentes, dos deficientes, das mulheres prostituídas. É necessário olhar com os olhos de Jesus para todas as pessoas desalentadas que vivem no mundo, esperando receber um olhar misericordioso. Esse olhar compassivo e misericordioso de Jesus é dado ao mundo através da Igreja.

A Igreja é vista como mistério da revelação de Deus para o mundo. Mistério aqui não deve ser entendido como segredos a serem decifrados. O mistério está intimamente ligado ao desígnio salvífico de Cristo, revelado somente à Igreja. Esta é, portanto, lugar da revelação desse mistério de união entre judeus e gentios. E o Evangelho anunciado aos judeus e aos gentios é o que revela ao mundo esse grande mistério de salvação.

O mistério de Cristo está relacionado com a composição da Igreja, ela é o lugar da nova humanidade, lugar esse que abriga a todos. Gentios e judeus, naquela época e hoje, são todos os que buscam aproximar-se de Cristo, de forma direta ou indireta, por meio da vivência da caridade fraterna. Todos juntos formam esse grande mistério que é a salvação da humanidade, concretizada pela ação

redentora de Cristo. Por isso, hoje, a Igreja é chamada a derrubar todo e qualquer muro de separação que há dentro e fora da comunidade cristã. Seu papel, no mundo, consiste em ser testemunha da unidade de todos em Cristo, iluminar os seres humanos para que possam ser livres de toda potência opressiva, que está na base da divisão entre etnias, religiões, culturas e, também, na vida política.

A Igreja tem um papel de anúncio e catequese permanente, testemunhando o amor de Cristo pela humanidade, sem distinção, único capaz de superar toda e qualquer divisão. Tarefa que o Papa Francisco vem desempenhado em ações e palavras, com claro ardor evangélico. Cabe a nós, cristãos, fazer o mesmo, sermos promotores da paz e da unidade, e não incentivadores da violência e da guerra.

### **C. Olhando para trás e para frente**

A Carta aos Efésios nos permite um olhar retrospectivo sobre a Igreja do final do século I a fim de melhor compreendê-la e, com isso, encontrar inspiração para nossa vivência na Igreja de hoje.<sup>35</sup> Em um primeiro momento, parece que estamos muito distantes daquele mundo pagão repleto de divindades, corrompido pelos vícios, um mundo assustador para os cristãos que desejavam uma vida digna do seguimento ao Evangelho. Essa percepção do mundo como ameaçador e hostil à fé levou a Igreja a uma atitude de afastamento dele. Nessa perspectiva, os cristãos passaram a não querer se relacionar com esse ambiente, vendo-o como um inimigo a combater, e o mundo passa, então, a representar tudo o que ameaça a vida cristã, o mal, o pecado, toda corrupção moral.

Assim, os cristãos passaram a buscar a Igreja como ambiente seguro, lugar onde podiam viver a fé da maneira correta e, para isso, era preciso diferenciar os costumes cristãos dos pagãos. Nesse ambiente de combate contra tudo o que ameaça a fé, a Igreja é o lugar da salvação e onde se encontram as armas necessárias para enfrentar essa guerra (Ef 6,10-16). Naquele tempo, os cristãos estavam travando grandes batalhas para se manterem fiéis ao Evangelho.

Não é necessária uma análise muito apurada para se perceber, em muitos grupos cristãos católicos, essa mesma atitude em relação ao mundo hodierno. Há dificuldades, por parte de alguns grupos, de enxergar o mundo como espaço privilegiado para anunciar a Boa-Nova de Jesus, lugar de encontro com o diferente, com a riqueza que se pode criar nesse espaço plural. Mas também é um lugar onde há pessoas angustiadas, doentes física, espiritual e psicologicamente, que precisam de palavras de alento, de compaixão e solidariedade, do olhar misericordioso de Deus-Pai a ser transmitido no olhar do cristão, em seu agir no mundo. É, pois, no mundo desfigurado pelo pecado que se deve oferecer o Evangelho para todos que têm fome e sede da Palavra de Deus. E mais: as forças maléficas que devem ser combatidas hoje, no mundo, são as que aprisionam o cristão no seu egoísmo, nas suas “verdades” absolutizadas por uma concepção errônea da fé cristã. O inimigo a ser combatido está, muitas vezes, mais em nós mesmos do que no “mundo”.

Nesse mundo de pluralidade religiosa, corre-se o risco de um fechamento por parte dos cristãos como meio de preservar a integridade da fé. São cristãos que cultivam uma mentalidade de povo escolhido, salvo por Jesus Cristo, “santo”, cujas práticas litúrgicas asseguram um lugar nas moradas celestes. Nessa mentalidade, o axioma “fora da Igreja não há salvação” torna-se o critério de julgamento do mundo. Esse pensamento justifica uma vida voltada para a vivência de relações e engajamento em ações somente dentro dos muros das paróquias, dos grupos, dos movimentos, sem a necessidade de sair em busca dos que estão perdidos. Tal situação revela o quanto é desafiador viver uma fé autêntica, pautada no Evangelho de Jesus Cristo, fazendo memória constante do agir de Jesus, de sua saída de si para ir ao encontro dos excluídos: leprosos, prostitutas, cobradores de impostos, doentes etc.

A tentação constante é viver no conforto da fé e evitar a desinstalação provocada pelos irmãos e pelas irmãs caídos ao longo do caminho e, passar para o outro lado, como fizeram o sacerdote e o levita na parábola do samaritano (Lc 10,31-32). Esse alerta é feito pelo Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti*, em que o paradigma do cuidado com o outro é apresentado por meio dessa parábola. Nela todos

são confrontados a vivenciar na prática aquilo que se professa em palavras.

Outro tema importante na Carta aos Efésios é a reconciliação, entendida como restabelecimento das relações entre judeus e gentios com Deus: “De fato, ele é a nossa paz: de dois povos fez um só, em sua carne derrubando o muro da inimizade que os separava” (Ef 2,14), “reconciliando os dois com Deus, em um só corpo” (Ef 2,16). O projeto de Deus Pai para a humanidade é o restabelecimento da paz. Jesus, no Evangelho de João 14,27, também afirma: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz”. Paz e reconciliação são duas palavras que aparecem juntas para expressar o fim das divisões, das inimizades. A paz é uma das características dos tempos messiânicos, fruto do Espírito Santo. O termo paz, em hebraico *shalom*, quer dizer prosperidade, abundância material e espiritual, o equilíbrio em todas as áreas da vida, tanto individual como coletivamente. A reconciliação diz respeito à relação entre Deus e a humanidade rompida pelo pecado, mas realizado por e em Jesus Cristo.

A imagem do “muro da inimizade” (Ef 2,14) traz presente a figura do Templo, onde os espaços entre os judeus e os gentios eram bem definidos. Os gentios não podiam entrar no lugar destinado aos judeus, correndo o risco até de morrer. A salvação oferecida por Jesus na Cruz, com sua morte e com sua Ressurreição, destruiu essas divisões. Todos são aceitos e podem ocupar os mesmos espaços, não há mais separações, pelo menos não deveriam existir. Todos os cristãos batizados possuem a mesma dignidade de filhos e filhas de Deus. Nas comunidades cristãs, deve prevalecer o tratamento igualitário entre todas as pessoas, reconhecendo em cada uma sua vocação e missão.

Ef 4,25 afirma: “deixando a mentira, que cada um diga a verdade a seu próximo, pois somos membros uns dos outros”. O papel do cristão e da cristã na sociedade não pode ser o de propagador de mentiras, calúnias, espalhando notícias falsas entre as pessoas. Ao invés de um mensageiro da paz, tornar-se alguém que planta as sementes das discórdias, das divisões. Esse não parece ser um comportamento adequado a um cristão. Jesus trouxe a paz e a reconciliação para o mundo. A Igreja como corpo de Cristo, continuadora de sua missão no



mundo, deve também levar a paz e a reconciliação para todos. Durante a celebração eucarística, tem-se o abraço da paz, bastante restringido atualmente por causa da pandemia da Covid-19. Nele os cristãos e as cristãs se dão mutuamente a paz de Jesus Cristo, expressando um desejo sincero de reconciliação antes de participar da Ceia do Senhor. Para participar da comunhão, é necessário um ato de reconciliação tanto com nossas divisões internas quanto com nossos conflitos externos. Comungar o Corpo de Cristo significa partilhar de sua vida e de sua missão. Se comungamos o Corpo de Cristo, devemos também trabalhar diariamente pela reconciliação do mundo com Deus e dos seres humanos entre si, lutando para que outros muros existentes em nossa sociedade sejam derrubados. No final da Celebração Eucarística, os cristãos recebem o mandato de **ir em paz**, ou seja, sair levando a paz ao mundo que ainda não experimentou o Deus da paz.

A Igreja é o lugar privilegiado onde o cristão deve exercitar a reconciliação e o respeito ao diferente. A Igreja é composta por muitos grupos, por muitas pastorais e por muitos movimentos, por pessoas diversas, com suas experiências de vida e de fé. É o espaço da vivência diária do perdão e da reconciliação. Assim como nas relações familiares, no mundo do trabalho, no lazer etc., o cristão deve viver em profundidade a busca pela paz, serem homens e mulheres da paz! Na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco usa o termo “artesanato da paz” para falar de um trabalho coletivo, contínuo e árduo, em que todos contribuem através do engajamento pessoal, tendo como centro o serviço aos outros, deixando de lado o desejo de dominação ao indivíduo e aos povos, para se construir o bem comum.

## Conclusão

A Carta aos Efésios nos apresenta um exemplo de como proceder na leitura e na atualização de determinada tradição da Igreja em novo contexto. Nela o autor retoma o pensamento paulino contido em diversos escritos, com a finalidade de orientar a conduta dos cristãos e das cristãs em ambiente e época novos. Na época em que o autor redige a carta, já distante do evento Cristo e da atuação missionária de Paulo, se fazia necessária certa orientação para o novo modo de viver dos cristãos, de modo particular, aqueles que vieram do mundo pagão. E, aos convertidos do judaísmo, ajudá-los a superar toda e qualquer divisão dentro e fora da comunidade cristã. A busca por firmar com mais força a identidade cristã se fazia necessária, frente às ameaças constantes que os cristãos estavam expostos, advindas tanto do relaxamento da fé quanto da hegemônica conduta do mundo pagão.

Assim, a conduta esperada dos cristãos, que está na base de sua identidade, é fundada na compreensão profunda da ação salvífica em prol da humanidade, realizada por Deus, em Jesus Cristo, tarefa que o autor executou com muita destreza na primeira parte de Efésios (1,3–3,21). Toda a primeira parte do conteúdo da carta visa aprofundar a compreensão do chamado feito por Deus àqueles que aderiam à fé em Jesus Cristo. Esse chamado é a vocação a integrar o novo povo de Deus, formado por judeus e gregos, unidos e consagrados a Deus, por meio de Jesus Cristo. O grande mistério de Cristo, revelado aos cristãos, diz respeito ao plano de salvação preparado por Deus desde sempre: elevar toda a humanidade à dignidade de filhos de Deus, em Cristo, reconciliando-a com Deus. A obra de salvação é descrita como uma nova criação (Ef 2,10), por meio do Batismo, todos nos tornamos Corpo de Cristo.

Ao chamado de Deus para participar da vida nova em Cristo, os cristãos devem responder mediante um estilo de vida coerente com a fé professada e assumida na comunidade cristã, a Igreja. Nesse sentido, a segunda parte da carta (4,17–6,24) apresenta o conteúdo da exortação àqueles que aderiam à fé em Jesus Cristo, com o claro objetivo de advertir, corrigir e animar na caminhada cristã.

Uma das realidades na qual a carta procura corrigir seus leitores diz respeito à divisão interna na Igreja. O enfoque no tema da unidade em Cristo, que perpassa toda a carta, nos faz pensar na dificuldade que os cristãos vindos do mundo gentílico enfrentavam na comunidade, uma vez que esta também era composta por judeu-cristãos. A inimizade existente entre esses grupos é uma realidade a ser superada pela força do amor de Deus, fonte do amor fraterno que gera comunhão entre eles, da mesma forma que é fonte de comunhão entre Deus e a comunidade.

As duas partes da carta, aprofundamento doutrinário e exortação à correta conduta cristã, estão orientadas para o tema central de Efésios: a unidade do Corpo de Cristo, a eclesiologia. Todos os povos, representados pelos judeus e gentios, formam o Corpo de Cristo, a Igreja. E, como corpo, a Igreja está intimamente ligada a Cristo, Cabeça da Igreja. O que ela é e o que é chamada a testemunhar no mundo só são possíveis enquanto ela estiver unida a Cristo, origem e fonte da vida da Igreja. Deus, por amor, criou a humanidade, resgatou-a da morte, concedendo-lhe participar da vida divina, da comunhão de amor da Trindade. Assim, o amor de Cristo por cada um é fonte de unidade para todos, a qual se experimenta na comunidade fraterna.

É, pois, o amor de Cristo, experimentado pela comunidade e na comunidade que deverá conduzir os cristãos em suas relações interpessoais. A importância dada às diversas normas de conduta visa animar os cristãos a assumirem o modo de agir de Jesus, no mundo. Isso se dá pela ação do Espírito Santo, na Igreja, que transforma o agir da comunidade cristã segundo o que foi ensinado por Cristo, não apenas por suas palavras, mas por suas ações, por seu amor pelos pobres e marginalizados, por seu compromisso com a justiça e por sua luta pela paz e pela igualdade entre todos.

Tudo isso inspira no momento atual de nossa história, em que muitos cristãos e muitas cristãs já não sabem mais viver a radicalidade de sua fé em ambiente tão plural, duas atitudes que são adotadas: de um lado, o fechamento total ao mundo, condenando a tudo e a todos que não comungam com a fé cristã, e, de outro, um total laxismo, em que tudo é possível, pois o que vale é a liberdade para ser feliz.

Nesse contexto, simplesmente exortar os cristãos mediante discursos moralistas, sem qualquer fundamentação teológica, não os instrui para cultivar atitudes adultas, coerentes com a fé em Cristo, capazes de discernir com clareza e serenidade aquilo que agrada a Deus. Ao contrário, quando não se tem uma compreensão profunda do mistério da salvação, da reconciliação da humanidade com Deus e do papel da Igreja no mundo, facilmente se pode cair no perigo de julgar e condenar os que não se adequam a um tipo de conduta moralista. Por isso, qualquer exortação ao agir cristão deve partir da compreensão profunda da gratuidade do ser salvo por Deus, em Cristo, que nos ama incondicionalmente, cujo agir do Espírito em nós nos possibilita aderir à fé como resposta à iniciativa de Deus em nos salvar.

Em síntese, a Carta aos Efésios apresenta de maneira nova o ensinamento do Apóstolo Paulo às comunidades que têm já algum tempo de caminhada:

Tudo parte de Deus e volta para Deus, por obra mediadora de Jesus Cristo, soberano da Igreja e do mundo que, com a ação do Espírito Santos, realiza o grande desígnio divino para o mundo dos homens: a unidade dos povos no amor e seu acesso ao Pai. A Igreja já vive desta realidade e deve dar testemunho dela a todos, na vida de cada crente.<sup>36</sup>

Para, pois, viver essa realidade nova e dar testemunho no mundo, os cristãos e as cristãs, de ontem e de hoje, são chamados a “despojar-se do homem velho” (cf. Ef 4,22), de sua conduta dúbia, de sua mentalidade fechada, de sua liberdade egoísta, e “vestir-se da nova humanidade, criada à imagem de Deus, em justiça e santidade da verdade” (cf. Ef 4,24), ou seja, vestir-se da humanidade de Cristo, de seu amor obediente ao Pai, de sua bondade e de sua misericórdia insondáveis, de seu amor incondicional pela humanidade. Essa é a grande tarefa da humanidade redimida em Cristo.

## Referências Bibliográficas

- ALLETI, Jean-Nöel. **Eclesiologia de las cartas de san Pablo**. Navarra: Editorial verbo divino, 2010.
- ANDRADE, Aíla L. P. de; DO CARMO, Solange Maria. Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade (Ef 2,14). **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 487-504, set.-dez. 2020.
- BÍBLIA SAGRADA: tradução oficial da CNBB. 6. ed. Brasília: CNBB, 2019.
- COMBLIN, José. **Epístola aos Efésios**. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Santuário, 2013.
- DETTWILER, Andreas. A epístola aos Efésios. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 357-375.
- FABRIS, Rinaldo. Carta aos Efésios. In: FABRIS, Rinaldo. **As cartas de Paulo (III): tradução e comentários**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 131-207. (Coleção Bíblica Loyola, 6).
- ARNOLD, C. E. In: HAWTHORNE, Geraldo F.; MARTIN, Ralph P. (Orgs.). **Éfeso. Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 434-439.
- ROSSÉ, Gérard. Lettera agli efesini. In: ROSSÉ, Gérard. **Lettera ai Colossesi. Lettera agli Efesini**. Roma: Città Nuova Editrice, 2001. p. 71-204.
- VOUGA, François. O *corpus* paulino. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 181-203.

- 
- 1 VOUGA, F. O *corpus* paulino. In: MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 185-186.
- 2 ANDRADE, Aíla L. P. de; DO CARMO, Solange Maria. Cristo é a nossa paz: do que era dividido fez uma unidade (Ef 2,14). **Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 489, set.-dez. 2020.
- 3 *Idem*. FABRIS, Rinaldo. Carta aos Efésios. In: FABRIS, Rinaldo. **As cartas de Paulo (III): tradução e comentários**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 139.
- 4 ANDRADE; DO CARMO, *op. cit.*, p. 492.

- 5 ARNOLD, C. E. Carta aos Efésios. In: HAWTHORNE, Geraldo F.; MARTIN, Ralph P. (Orgs.). Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 429.
- 6 FABRIS, *op. cit.*, p. 140.
- 7 ANDRADE; DO CARMO, *op. cit.*, p. 490.
- 8 ARNOLD, Éfeso. In: HAWTHORNE, Dicionário de Paulo, p. 434.
- 9 COMBLIN, José. Epístola aos Efésios. Aparecida: Editora Santuário, 2013, p. 19.
- 10 *Ibidem*, p. 12; FABRIS, *op. cit.*, p. 138. Confira, por exemplo, alguns temas comuns às duas cartas: ação de graças e oração (Ef 1,15/Cl 1,3; Ef 1,17/Cl 1,9); a salvação pelo Batismo (Ef 2,5-6/Cl 2,12-13); o homem novo (Ef 4,21-23/Cl 3,9-10) etc.
- 11 FABRIS, *op. cit.*, p. 132.
- 12 ANDRADE; DO CARMO. *op. cit.*, p. 493.
- 13 Aqui seguimos COMBLIN, *op. cit.*, p. 27-110; FABRIS, *op. cit.*, p. 131-207; ROSSÉ, Gérard. Lettera agli Efesini. In: ROSSÉ, Gérard. Lettera ai Colossesi. Lettera agli Efesini. Roma: Città Nuova Editrici, 2001, p. 69-204.
- 14 FABRIS, *op. cit.*, p. 140.
- 15 FABRIS, *op. cit.*, p. 146.
- 16 ANDRADE; DO CARMO. *op. cit.*, p. 493.
- 17 *Idem*.
- 18 FABRIS, *op. cit.*, p. 149-153.
- 19 FABRIS, *op. cit.*, p. 155.
- 20 Cf. ROSSÉ, Gérard. Lettera ai Colossesi, Lettera agli Efesini. Roma: Città Nuova, 2001. p. 93.
- 21 FABRIS, *op. cit.*, p. 156.
- 22 FABRIS, *op. cit.*, p. 156.
- 23 ROSSÉ, *op. cit.*, p. 96.
- 24 FABRIS, *op. cit.*, p. 160.
- 25 ROSSÉ, *op. cit.*, p. 99.
- 26 *Ibidem*, p. 106.
- 27 *Ibidem*, p. 113.
- 28 *Ibidem*, p. 118.
- 29 *Ibidem*, p. 122.
- 30 *Ibidem*, p. 123.
- 31 *Ibidem*, p. 127.
- 32 FABRIS, R. Catálogos de virtudes e vícios em Colossenses e Efésios. In: FABRIS, R. As cartas de Paulo (III). São Paulo: Loyola, 1992, p. 119-127. O autor apresenta um quadro comparativo dos vícios e virtudes compilados em vários textos do Novo Testamento.
- 33 ROSSÉ, *op. cit.*, p. 155.
- 34 *Ibidem*, p. 156.
- 35 COMBLIN, *op. cit.*, p.11.
- 36 ROSSÉ, *op. cit.*, p. 204.

# Fraternidade e Fome

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023

"Dai-lhes  
vós mesmos  
de comer!"

(Mt 14,16)

2 de abril - Domingo de Ramos: Coleta Nacional da Solidariedade



**FRATERNIDADE E FOME:  
ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA**



## CF 2023 - Fraternidade: Economia de Francisco e Clara - DIGITAL

CNBB, SETOR DE CAMPANHAS

9786559751556

32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Convocado pelo Papa Francisco em 1º de maio de 2019, a iniciativa Economia de Francisco e Clara é um chamado a um pacto pelo futuro. A proposta de humanização da economia mundial a partir dos saberes infundidos da Ecologia Integral e da Solidariedade é um processo lançado para que os países comecem a reconectar a discussão econômica com a concretização da justiça e da paz (SI 85). Os jovens que elaboraram este subsídio estão focados em desenvolver um momento orante com as vozes que não se ouvem no dia a dia, sejam elas movimentos populares ou periferias existenciais e geográficas, em um elo com as Comunidades de Fé que poderão rezar e vivenciar a esperança semeada pelos mais pobres.

[Compre agora e leia](#)



DIRETÓRIO DA LITURGIA  
DA IGREJA NO BRASIL



Ano A  
São Mateus  
**2023**

# Diretório da Liturgia da Igreja no Brasil 2023 (Ano A São Mateus) - Versão de bolso Digital

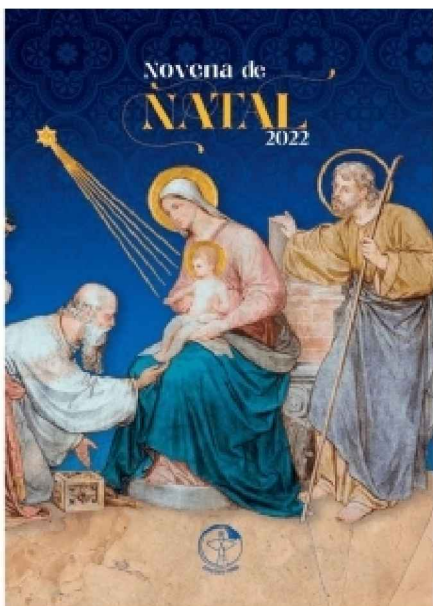
Brasil, Conferência Nacional dos Bispos do  
9786559750979

118 páginas

[Compre agora e leia](#)

Essa versão é para os que desejam ter fácil acesso ao Diretório da Liturgia para o Ano Litúrgico de 2023, Ano A - São Mateus. A publicação é uma referência litúrgica para toda a Igreja no Brasil - traz indicações das leituras e celebrações, além de demais informações úteis para todo o Ano Litúrgico vigente.

[Compre agora e leia](#)



## Novena de Natal 2022

OFS Vitor Paiva

9786559751334

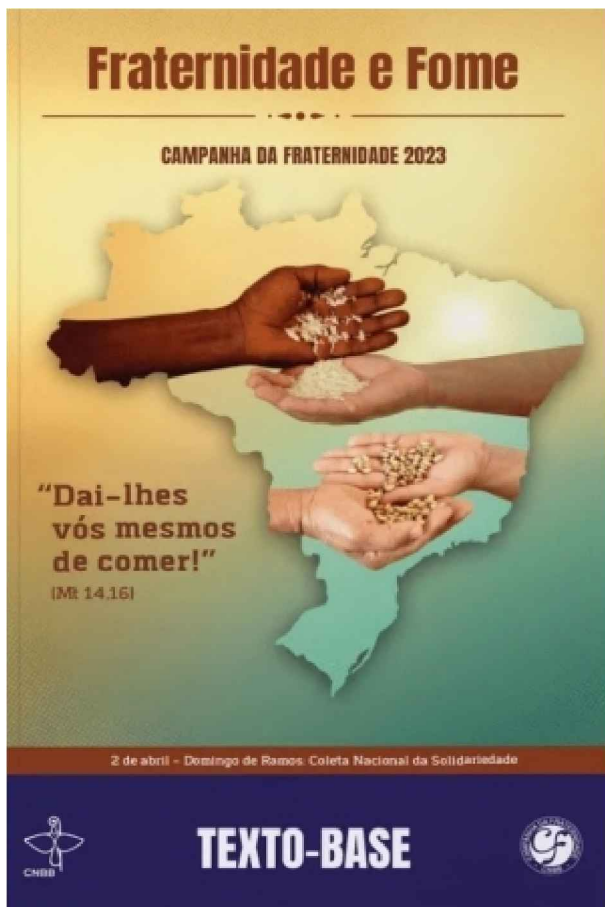
35 páginas

[Compre agora e leia](#)

A partir do tema e do lema do 3º Ano Vocacional no Brasil — "Vocação: Graça e Missão" — cada encontro da Novena de Natal 2022 introduz uma catequese sobre a história de amor e salvação que Deus realiza na família de Nazaré e em toda a família humana. A partir da leitura e da oração comunitária, esta Novena aborda o chamado de Deus como Graça que impulsiona à Missão, que nos coloca abertos a escutar as

histórias de nossos irmãos e partilhar as graças que temos recebido. Participemos com fé e entusiasmo, na espera do Senhor que vem!

[Compre agora e leia](#)



## CF 2023 - Texto-base - Digital

Campanhas-CNBB, Setor

9786559751624

100 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2023 propõe despertar o espírito de caridade e de compromisso que deve estar presente em todos que querem ser discípulos de Jesus. O tema "Fraternidade e fome", juntamente com o lema "Dai-lhes vós mesmo de comer" (Mt 14,16), incentiva nossas comunidades a assumir suas responsabilidades ante a situação da fome que persiste no Brasil, a exemplo do Mestre Jesus.

[Compre agora e leia](#)

# Fraternidade e Fome

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2023



**“Dai-lhes  
vós mesmos  
de comer!”**

(Mt 14,16)

2 de abril - Domingo de Ramos: Coleta Nacional da Solidariedade



**CF EM FAMÍLIA  
E VIA-SACRA**



## CF 2023 - CF em Família e Via-Sacra - Digital

Cnbb, Setor de Campanhas

9786559751693

64 páginas

[Compre agora e leia](#)

CF em Família é um subsídio que contém cinco roteiros de encontros para serem realizados pelas famílias ou em grupos, visando à reflexão do tema e do lema da Campanha da Fraternidade 2023. Os encontros são elaborados de forma orante, com cantos, leituras da Palavra de Deus e com perguntas que orientam um debate contemplativo sobre o tema da CF 2023.

[Compre agora e leia](#)